

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência**

KELLY CRISTINA DA SILVA

**OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO: A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS PROCESSOS DE
APRENDIZADOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Belo Horizonte

2017

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência**

KELLY CRISTINA DA SILVA

**OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO: A
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS PROCESSOS DE
APRENDIZADOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Educação e Docência do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - FAE/UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação Tecnológica e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Analise de Jesus da Silva

Belo Horizonte

2017

S586I
T Silva, Kelly Cristina da, 1983-
Os letramentos de empoderamento feminino negro: a educação de jovens e adultos e os processos de aprendizados na rede Social Facebook / Kelly Cristina da Silva. - Belo Horizonte, 2017.
114 f., enc. il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Analise de Jesus da Silva.

Bibliografia: f. 97-101.

Apêndices: f. 102-114.

1. Educação -- Teses. 2. Educação de adultos -- Teses. 3. Negras -- Identidade racial -- Teses. 4. Tecnologia educacional -- Teses. 5. Educação -- Relações étnicas -- Teses. 6. Educação -- Relações étnicas -- Teses. 7. Facebook (Recursos eletrônicos) -- Teses.

I. Título. II. Silva, Analise de Jesus da, 1964-. III. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374.012

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG



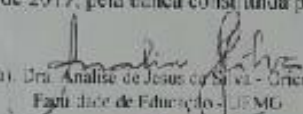
FOLHA DE APROVAÇÃO

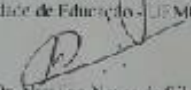
OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO:
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS PROCESSOS DE
APRENDIZADOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

KELLY CRISTINA DA SILVA

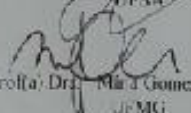
Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Dra. Analise de Jesus da Silva - Orientadora
Faculdade de Educação - UFMG


Prof. Dr. Nazilma Neves da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia


Prof(a). Dra. Luciana Souza


Prof(a). Dra. Maria Gomes de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Desafio tão grande quanto escrever esta dissertação, foi rememorar todos os desafios pelos quais passei sem me emocionar.

Início os agradecimentos por meus pais, pessoas que me ensinaram a perseverar sempre. Obrigada pai, Sr. José (In memoriam), por me soprar aos ouvidos esta vitória já era minha. É por isso que, hoje, “Meu Chegado”, eu digo que ela é NOSSA! À minha mãe, Sra. Lúcia, por acreditar e apoiar mesmo sem saber ao certo qual era meu tema e o porquê eu tanto lia e passava horas em frete ao computador.

Agradeço também a toda minha família e aos vizinhos por cada gesto carinhoso e cada sorriso motivador. Em especial, a querida D. Lia (In memoriam) que generosamente me abençoava pelas manhãs, ao iniciar a jornada diária dos estudos e trabalho.

Tenho que agradecer à Professora e Orientadora Analise de Jesus e aos professores que fizeram parte da banca avaliadora por me impulsionar a ir mais além.

Aos meus amigos, meu agradecimento mais profundo por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis, que não foram raros nestes dois anos, e me fazer acreditar que chegaria ao final desta difícil, porém gratificante, etapa.

OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS PROCESSOS DE APRENDIZADOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

RESUMO

Os letramentos de empoderamento feminino negro, concebido a partir do uso da rede social *Facebook* na ação de valorizar a corporeidade da mulher; tendo esta o cabelo crespo como símbolo de luta, resistência e reexistência, é o tema desta pesquisa.

Nosso objetivo geral foi de averiguar como a participação nos grupos e/ou comunidades que discutem a temática dos cabelos crespos, como símbolo identitário nesta na rede social, interfere no significado atribuído às identidades das mulheres negras inscritas na EJA ou que já passaram por ela .

Enquanto particularidades relativas ao tema, propomo-nos a: identificar as situações de construção do conhecimento por educandas negras relativas à temática do cabelo afro-brasileiro; detectar a presença e a concepção de empoderamento feminino negro nos grupos e comunidades de *Facebook*; compreender os tipos de letramentos advindos da participação destas mulheres nos grupos/comunidades em relação à concepção do empoderamento; além de criar uma proposta de Plano de Curso e Sequência Didática para um curso de formação que aborde os letramentos e as tecnologias digitais destinadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), abordando as relações étnico-raciais.

Apresentamos como pressuposto indagações acerca da concepção do termo empoderamento. Para isso, utilizamos enquanto ponto de partida, perguntas como: qual significado da apropriação do empoderamento pelas participantes dos grupos e comunidades de *Facebook*? O empoderamento feminino negro é uma categoria ou parte de um processo emancipatório? E como os letramentos do empoderamento feminino negro interferem no processo de aprendizado na EJA?

Os arcabouços que sustentaram a pesquisa foram: Gomes (2003,2008,2011), que trabalha as questões sobre a estética do corpo negro e sua relação social em ambiente escolar e não escolar; Hooks (2005, 2015), que trata sobre a relação da mulher negra com o cabelo crespo; Hall (2000, 2011), que debate - as concepções de sujeito e Souza (2011), que observa os Letramentos de Reexistência e Resistência (de quê? De quem? Da mulher negra?).

Assim, como metodologia, utilizou-se a Netnografia - uma forma específica de etnografia adaptada às particularidades do mundo virtual, que auxiliou na compilação, seleção e análise de dados advindos de postagens de imagens, textos, curtidas e comentários publicados nos fóruns dos grupos e comunidades que retratam os temas de empoderamento e corporeidade negra.

A compreensão do sentido, a importância do empoderamento e suas implicações perante a sociedade e às relações opressoras, resultaram na construção do conceito de Letramentos de Empoderamento Feminino Negro.

Palavras-chave: Facebook, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Empoderamento, Mulheres Negras, Cabelo Crespo.

THE BLACK FEMALE EMPOWERMENT LETTERS: THE EDUCATION OF YOUTH AND ADULTS AND THE LEARNING PROCESSES IN THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK

ABSTRACT

The black feminine empowerment literacy, designed from the use of the social network Facebook in the action of valuing the corporality of women; Having curly hair as a symbol of struggle, resistance and reexistence, is the theme of this research.

Our general objective was to investigate how participation in groups and / or communities that discuss curly hair as an identity symbol in the social network interferes with the meaning attributed to the identities of black women enrolled in the EJA or who have passed through it.

While particularities related to the subject, we propose to: identify the situations of knowledge construction by black educators related to Afro-Brazilian hair; Detect the presence and conception of black female empowerment in Facebook groups and communities; Understand the types of literacy derived from the participation of these women in groups / communities in relation to the conception of empowerment; In addition to creating a proposal for a Course Plan and Didactic Sequence for a training course that addresses the digital literacy and technologies for Youth and Adult Education (EJA), addressing ethnic-racial relations.

We present as presupposed questions about the conception of the term empowerment. To do this, we use as a starting point, questions such as: what is the meaning of the appropriation of empowerment by the participants of the groups and communities of Facebook? Is black female empowerment a category or part of an emancipatory process? And how do the literacies of black female empowerment interfere with the EJA learning process?

The frameworks that supported the research were: Gomes (2003,2008,2011), who works on questions about the aesthetics of the black body and its social relation in school and non-school environment; Hooks (2005, 2015), which deals with the relationship of black women with curly hair; Hall (2000, 2011), which discusses the conceptions of subject and Souza (2011), which observes the Letters of Reexistence and Resistance (of what? Of who? Of the black woman?).

Thus, as a methodology, Netnography was used - a specific form of ethnography adapted to the particularities of the virtual world, which assisted in the compilation, selection and analysis of data from postings of images, texts, tastings and comments published in the forums of the groups and Communities that portray the themes of empowerment and black corporeity.

Understanding the meaning, the importance of empowerment, and its implications for society and oppressive relationships have resulted in the construction of the concept of Black Female Empowerment Letters.

Keywords: Facebook, Youth and Adult Education (EJA), Empowerment, Black Women, Curly Hair.

QUADRO

Quadro1: Mapeamento de grupos/comunidades no Facebook.....	20
--	----

FIGURAS

Figura 1: Diversidade tonalidade bases	24
Figura 2: Reações à publicações	66
Figura 3: Rede de Fortalecimento	67

IMAGENS

Imagem 1: Scab Hair	43
Imagem 2: Big Chop 1	44
Imagem 3: Big Chop 2	44
Imagem 4: Fator encolhimento	45
Imagem 5: Comentários sobre o Fator Encolhimento	46
Imagem 6: Certificado de Fim da Transição.....	46
Imagem 7: Tipos de Curvatura de cabelos Ondulados / Crespos - 01.....	47
Imagem 8: Tipos de Curvatura de cabelos Ondulados / Crespos - 02.....	48
Imagem 9: Classificação do Cabelo.....	48
Imagem 10: Texto descritivo do produto Creme “Calmante” da marca Lola Cosmestics	49
Imagem 11: Descrição de Empoderamento	76
Imagem 12: Texto sobre o conceito empoderamento.....	77
Imagem 13: Descrição sobre o que é empoderamento – 01	77
Imagem 14: Descrição sobre o que é empoderamento - 02.....	78

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de educandas	38
Gráfico 2 - Cor X Escolaridade.....	38
Gráfico 3 - Idade das mulheres – Questionário online 2015	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O OLHAR PARA O ESPELHO	10
1. A NETNOGRAFIA NOS ESPAÇOS DE FALA.	16
1.1 Entendendo a netnografia.....	18
1.2 Geração de Dados.....	23
2. O ENCRESPAR A PARTIR DOS SUJEITOS	26
2.1 Concepção de sujeito	26
2.2 Corporeidade negra	31
2.3 Característica dos sujeitos da pesquisa.....	35
2.3.2 Gênero	35
2.3.3 Raça.....	36
3. DO BIG CHOP (GRANDE CORTE) AO EMPODERAMENTO: UM PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NEGRA	41
3.1 Breve histórico de uma transição.....	42
3.2 Empoderamento	50
3.3 Empoderamento: um conceito polissêmico	52
3.4 Do empoderamento à emancipação	53
4. ENTRE O SILÊNCIO E A VOZ DO PROTOGANISMO DA MULHER NEGRA: OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO	60
4.1 Os letramentos de empoderamento feminino negro	70
5. A INTERSEÇÃO DAS ENTRELINHAS	75
5.1 Plataforma virtual – <i>Facebook</i>	75
5.2 Entrevistas	80
PRODUTO: Os letramentos de empoderamento e as novas tecnologias sociais na Educação de Jovens e Adultos	84
ALGUNS APONTAMENTOS	91
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	102
Apêncie A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	102
Apêncie B: ROTEIRO DE ENTREVISTA	104
Apêncie C: QUESTIONÁRIO ONLINE.....	105
Apêncie D: TERMO DE COMPROMISSO	106
Apêncie E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107
Apêncie F:TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	110



INTRODUÇÃO: O OLHAR PARA O ESPELHO

A introdução da tecnologia nas relações sociais vem conquistando espaços significativos (onde? No território nacional? Que tipo de espaços? Para debates? Reflexões? Espaços físicos?). Isso acontece exatamente por estas ferramentas proporcionarem maior acessibilidade às informações. Essas tecnologias interferem diretamente na vida do sujeito, pelo simples fato de promoverem um desenvolvimento sociocultural fortemente relacionado às práticas de ler e escrever. Assim, as redes sociais podem representar, por meio da colaboração e comunicação, um ambiente capaz de gerar conhecimento.

Devido à sua amplitude conectiva, a internet potencializa a interação de diferentes grupos culturais, tendo uma grande participação dos jovens na prática da diversidade cultural. O que é possível identificar pelo número significativo de grupos e/ou comunidades que articulam a temática da estética da mulher negra, utilizando o cabelo crespo como símbolo de resistência e representatividade que se constitui mediante as relações sociais e raciais na rede social *Facebook*. Fenômeno resultante do ciberespaço e da cibercultura.

Pierry Lévy, em seu livro *Cibercultura*, conceitua esses termos como espaços de compartilhamento de culturas e informações em tempo real. O ciberespaço é considerado o universo onde a interconexão de informação acontece. Já a cibercultura é o modo como os valores, pensamentos, atitudes e práticas se articulam no ciberespaço (LÉVY, 2010).

Nessa perspectiva, a rede social *Facebook* se torna exemplo de ciberespaço onde a cibercultura se desenvolve. O *Facebook* é uma rede social que possui os jovens como seu maior público (KIRKPATRICK, 2011), além de ter como característica a descentralização da informação, tornando-se um cenário de conexões que possibilitam a interligação de pessoas a partilharem interesses em comum.

Como consequências da busca por esse compartilhamento de interesses em comum, surgem os grupos e comunidades de mulheres negras no *Facebook*. Nesses espaços, elas compartilham informações, experiências e promovem encontros para se conhecerem pessoalmente e dialogar sobre temas relacionados à corporeidade negra. Uma forma de superar as cicatrizes, ainda abertas, causadas

pelo racismo histórico presente em nossa sociedade. É o momento em que o conceito de empoderamento ganha espaço e amplitude.

O frequente uso do termo empoderamento nos leva às indagações quanto a sua compreensão. Qual o significado da apropriação do empoderamento pelas participantes dos grupos e comunidades do *Facebook*? Surge um novo conceito ou ele é compreendido de maneira equivocada? O empoderamento feminino negro é uma categoria ou parte de um processo emancipatório? Estas são algumas das perguntas que despertam quando se coloca para analisar a polissemia do conceito de empoderamento, assunto que será tratado no capítulo Do big Chop (grande corte) ao empoderamento: um processo de (re)construção.

Em nosso país, há tempos, as mulheres negras vêm sendo condicionadas a um lugar de subalternidade, em que suas características fenotípicas são negadas e preteridas a um conceito de beleza eurocêntrico. Nesse lugar, também conhecido como Democracia Racial, o preconceito era, e ainda é, silenciado pela justificativa de que vivemos em um país miscigenado e, por isso, as diferenças são respeitadas. Sendo assim, “a população negra encontra-se submetida a um processo no qual as condições de existência e o exercício de cidadania tornam-se muito mais precários em relação à população branca” (FERREIRA, 2002, p. 71).

O preconceito racial, no Brasil, tornou-se uma ideologia que reproduz uma legitimação racista naturalizada em nossa sociedade. A pouca instrução das pessoas pode viabilizar o adentrar do racismo na vida dos próprios negros, fazendo com que estes se sintam inferiorizados e desvalorizados. Assim, assumindo uma visão de oprimidos diante de um mundo branco.

Ao analisar o discurso que recobre a Democracia Racial, é possível identificar aspectos dessa ideologia como o silêncio, o velado, o paternalismo, a opressão, entre tantos. Esses aspectos atuam de duas formas no modo de ser da mulher negra: a desvalorização e a relação do eu com o próprio corpo. Ambos favorecem o desejo de mutilação do corpo negro, pois ao tomar consciência de seus traços inicia-se um processo de descaracterização da sua imagem.

Alisar os cabelos, esconder as curvas avantajadas do físico, técnicas de maquiagem para afinar o nariz e os lábios são algumas nas estratégias de vigília de um corpo que, em sua natureza, se opõe ao padrão de beleza europeu. A essas ações damos o nome de violência racial (SOUZA, 1983).

Entretanto, para romper com esses traços de violência racial torna-se necessário desatar os nós estabelecidos pelo silêncio. As vozes dessas mulheres precisam ser ouvidas, sem a justificativa de que a culpa é da vítima.

Em resposta a isso, grupos e comunidades com foco na representatividade e aceitação do cabelo crespo natural começam a usufruir das redes sociais como forma de romper com esse silêncio.

Para tanto, é necessário ter em mente a distinção entre rede social e rede social de informação. Entende-se como rede social a estrutura

composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc. (FERREIRA, 2011, p. 213).

Percebe-se, então, que a rede social é resultante da adição do comportamento individual com a estrutura na qual o sujeito está inserido. Por outro lado, essa rede de informação é definida por Ferreira (2011) como “um conjunto de pessoas, com algum padrão de contatos ou interações, entre as quais se estabelecem diversos tipos de relações e, por meio delas, circulam diversos fluxos de informações” (FERREIRA, 2011, p. 214).

Se pensarmos na dinâmica da internet, essa rede social adquire uma nova característica quando incorporada a uma plataforma virtual. O aspecto digital coloca em evidência e potencializa a desterritorialização da informação ao romper com as fronteiras regionais e nacionais.

Entre essas redes sociais *on-line*, a pesquisa atentou o olhar para o *Facebook*. Um aplicativo digital

definido como um *website*, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores. (CORREIA, 2014, p. 168).

Por ser uma plataforma que valoriza mais o “eu” em detrimento da comunicação, o *Facebook* nem sempre foi visto como uma ferramenta de carácter positivo. Apesar disso, observou-se na pesquisa que nesta rede social é possível identificar, além das postagens de fotos, vídeos, mensagens, a existência de discursões envolvendo o processo de reconstrução identitária da mulher negra.

Na estrutura da rede social *Facebook* existe a opção de formar grupos e comunidades “usados para discussões e eventos, e constituem uma forma muito particular de permitir que certo número de pessoas possa juntar-se *on-line*, em simultâneo, para partilhar informação e discutir temas específicos” (CORREIA, 2014, p. 176).

Desta maneira, grupos e comunidades são criados abordando temas distintos e atingindo um público cada vez maior. Entre tantos temas, as inquietações das mulheres negras diante das várias formas de negação do ser estão ganhando visibilidade e conquistando um maior número de público.

Diante disso, justifica-se a importância desta pesquisa para o campo da educação expondo três motivos. O primeiro deve-se ao fato de ser participante de alguns grupos e comunidades do *Facebook*, que pautam a temática de cabelo crespo natural, e isso traz relevância à pesquisa. Esta relevância não se restringe em apenas ser membro dos grupos e comunidades, mas por conseguir enxergar que a abordagem não se limita apenas ao trato dos cabelos, pois como relata Gomes (2008) “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos” (GOMES, 2008, p. 20).

A identidade negra mergulha em um contexto construído por um processo marcado pela representação simbólica, caracterizada por dar sentido às práticas e relações sociais, ou seja, segundo a explanação de Silva (2012),

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (SILVA, 2012, p.17-18).

E, é nesta perspectiva de possibilitarem a construção social, cultural, política e ideológica, como ressalta Gomes (2008), que esta pesquisa procura se debruçar, atentando seu olhar para todo o processo de (re)constituição identitária das mulheres negras que utilizam as redes sociais *on-line* para compartilhar experiências e, como resultado, acabam propiciando um ambiente de conhecimento.

Por entender a rede social como um ambiente virtual de aprendizado, baseada no pressuposto de que “cada usuário possui conhecimentos e, através da colaboração e comunicação, pode-se gerar um conhecimento do grupo que não

pode ser atribuído a uma única pessoa” (GOMES, 2011, p. 236), expõe-se o segundo motivo que agrega relevância à pesquisa, o surgimento de códigos.

Esta codificação serve para caracterizar os tipos de cabelos crespos, os processos de finalização dos penteados e os tratamentos para hidratação e nutrição dos fios, funcionando, assim, como um aprendizado advindo das relações entre pares. Essa interação direta e contínua direciona a uma (re)construção da identidade negra, capaz de contrapor-se ao ideal de embranquecimento que leva o sujeito negro a querer destruir as marcas que são características de sua etnicidade.

O embranquecimento, para Sousa (1983), impõe ao negro o desejo de eliminar os sinais de cor de seu corpo. É por isso, que a autora afirma que ser negro no Brasil é “tornar-se negro”. O “tornar-se negro”, nesse enredo, compõe-se de toda experiência e escrevivência do negro mediante aos códigos sociais imbuídos de conceitos eurocêntricos, até que esta se posicione e, assim, faça valer seu direito como, nesse caso, cidadã.

O terceiro motivo que indica a relevância desta pesquisa refere-se ao processo de aprendizagem que ocorre para além dos muros da escola. Assim, a pesquisa se contrapõe à afirmativa de que tudo que se aprende fora da escola não é concebido como um aprendizado legítimo. Desse modo, as mulheres negras que compõem os grupos e comunidades no *Facebook*, em sua prática diária, constroem um conhecimento/aprendizagem por meio da participação e, ao reconhecer-se como negras, aceitam as especificidades de seu corpo. A participação se desenvolve numa aprendizagem sociocultural, ou seja, envolvidas na prática diária de postagem de fotos, trocas de vivências, tutoriais de tratamento capilar e reconhecimento do tipo de cabelo. As participantes, sem perceberem, estruturam um ambiente de aprendizagem.

Todos esses fatores, codificação dos cabelos crespos, o processo de aprendizagem e a escrevivência da pesquisadora como mulher negra, contribuem para dar sentido e relevância à pesquisa que discute a revalorização dessas mulheres ao deixar posto as contradições e tensões particulares do processo identitário.

Convém salientar que para alcançar o objetivo proposto, procurou-se, de uma maneira mais específica, identificar as situações de construção do conhecimento por educandas negras quanto à presença da temática do cabelo afro-brasileiro;

identificar a presença e a concepção de empoderamento nos grupos e comunidades de *Facebook*; identificar os tipos de letramentos advindos da participação das mulheres negras nos grupos/comunidades do *Facebook*, em relação à concepção do empoderamento, e criar uma proposta de Plano de Curso e Sequência Didática de uma disciplina que aborde os multiletramentos e as tecnologias digitais destinadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A problemática que envolveu esta pesquisa foi a investigação de como (ou se) a participação nos grupos e/ou comunidades que discutem a temática dos cabelos crespos como símbolo do empoderamento, na rede social *Facebook*, interfere na (re)construção de identidades das mulheres negras inscritas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para tanto, a dissertação se divide em capítulos que trazem descrições oriundas de uma pesquisa netnográfica dialogada com as interseções propostas. O primeiro descreve quais foram os procedimentos metodológicos utilizados para compilação e análise dos dados. No segundo capítulo encontra-se o referencial teórico, e expõe uma discussão sobre os conceitos adotados na pesquisa. O terceiro capítulo, intitulado “Do big Chop (grande corte) ao empoderamento: um processo de (re)construção” descreve as várias faces do conceito empoderamento. Para compreender o significado do empoderamento nos grupos, o quarto capítulo traz dados para a análise dos signos adaptados a essa realidade e a construção do conceito de Letramentos do Empoderamento Feminino Negro. O capítulo cinco apresenta algumas possíveis considerações frente às observações feitas nos grupos e comunidades. O sexto capítulo traz o desenho dos caminhos percorridos até chegar à construção do produto e sua descrição.



1. A NETNOGRAFIA NOS ESPAÇOS DE FALA.

O objetivo deste capítulo é estabelecer a trajetória metodológica que possibilitou a estruturação desta pesquisa. Para a compreensão das questões que constituem o objetivo desta pesquisa, entende-se que é necessário identificar pontos importantes que produzem descrições detalhadas de situações e interações. E todo esse processo vinculado a uma rede social *online*, o *Facebook*.

Para dar conta das interações construídas entorno dos temas de identidade, Relações Étnico-Raciais e Gênero nos grupos e comunidades, concluiu-se que é viável a utilização dos métodos de pesquisa qualitativa e netnográfica.

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa foi utilizada para a compilação de informações sobre a correlação da rede social *Facebook* com o processo de construção do conhecimento das mulheres negras a partir do conceito de empoderamento. A escolha por essa abordagem está associada à presença de valores e significados expressos na fala e vivência cotidiana dessas mulheres. Assim, de acordo com Minayo (1993),

a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. (MINAYO, 1993, p. 245).

Por se tratar de questões quanto à subjetividade da mulher negra, considera-se a pesquisa qualitativa a mais viável para melhor compreensão do momento histórico e o lugar de fala dessas mulheres. Dessa maneira, teve-se a possibilidade de analisar todo o processo de representatividade expresso na fala de cada sujeito.

O método qualitativo é uma ferramenta capaz de identificar quais os tópicos da pesquisa causam uma reação emocional na fala analisada das participantes, e permite uma descrição detalhada das interações e situações vivenciadas na compreensão e elucidação das relações sociais.

A observação, a análise do grupo/comunidade e questionários *online* foram utilizados para a compilação de dados. Esses procedimentos possibilitaram analisar a “precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno;

observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural” (GERHARDT, 2009, p.32).

Pois, na relação entre as mulheres negras e o cabelo natural existe a tentativa de negar/omitir as características implícitas no corpo. O racismo, com todo seu composto de inferioridade, interfere na subjetividade do sujeito. Inclusive no mundo dos sentidos e emoções, ou seja, na construção da identidade negra (GOMES, 2008).

Mediante ao exposto, o grupo de mulheres negras constitui um conjunto de indivíduos pelo qual podem perpassar diversas questões complexas, como a questão de gênero, identidade, racismo e preconceito. Uma composição de variáveis que agrega, define e amplia suas perspectivas socioculturais.

Assim sendo, a pesquisa analisou o discurso que envolve o conceito de construção da identidade no *Facebook*. A escolha por esse recorte advém de uma primeira análise, em que foi compilada uma relação dos grupos e comunidades de *Facebook*, que retratam a corporeidade e o empoderamento da mulher negra. A observação se fez nos grupos/ comunidades que, além de tratar da questão estética, explicitam matérias e textos relacionados com os conceitos de construção da identidade, gênero e relações raciais. Para isto, a netnografia foi um dos procedimentos que contribuiu para a coleta de dados.

A netnografia é “uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediadas por computadores” (KOZINETS, 2014, p. 9-10,). É uma técnica que auxilia na investigação de identidade, relações sociais, aprendizagem, entre outros. Um termo que já foi apropriado pelos estudiosos da área de Marketing e, agora, com a ampliação das pesquisas, passou a ser incorporado por pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas, Antropologia, estudos culturais entre outras áreas.

Este estudo mostra como a construção identitária, associada ao empoderamento, se constitui numa plataforma virtual. Assim, o método netnográfico propiciou uma compreensão de mundo dessas pessoas e como elas se articulam mediante a autorrepresentação estética e política.

A análise netnográfica compreende as análises de comparação, anotações, abstração/comparação e teorização. Em cada uma dessas etapas temos a codificação, anotação, abstração e comparação. Desta maneira, a análise e

interpretação dos dados partiram dos produtos coletados na participação e observação dos grupos e comunidades.

A codificação é uma análise de códigos, classificação, nomes ou rótulos como interpretação de um novo evento, no sentido em que estruturam códigos e classificações de comunicação entre os participantes.

1.1 Entendendo a netnografia

A concepção do que é o método netnográfico perpassa inúmeras vezes pela comparação e diferenciação do que é o método etnográfico. Kozinets (2014) ao descrever o “por que precisamos de netnografia” refere-se às diferenças existentes entre as experiências sociais *online* e face a face.

Percebe-se, portanto, nessas descrições que a netnografia é uma abordagem que envolve a observação participante aplicada ao estudo de comunidades *online*. Característica bem semelhante ao método etnográfico, não fosse o quesito *online*. Para Kozinets (2014) o termo comunidade *online*, espaço onde a netnografia é aplicada, assume significados como, por exemplo, a agregação social emergida de uma rede a uma comunidade *online* no campo do trabalho. Esse autor considera que a comunidade não possui uma característica fixa, ela se constitui pelas negociações entre indivíduos que se unem a partir do compartilhamento de informações. Sendo assim, comunidade pode ser entendida como o compartilhamento de “interação, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum”. (KOZINETS, 2014, p.16).

Buscando compreender melhor a concepção de comunidade *online*, Kozinets (2014) recorre ao autor Geertz para enfatizar que cultura se identifica a partir do ponto de vista de sinais e símbolos. Já a cibercultura, ele toma como significado do processo de construção e reconstrução cultural mediado pelas tecnologias.

Contudo, ressalta-se como aspecto positivo a capacidade da netnografia se adaptar a diversas pesquisas que possuem a plataforma *online* como campo de investigação. Além de ser um método que, mesmo utilizando alguns critérios como as fases e etapas, consegue transcender os limites da etnografia. E para os autores e pesquisadores que têm a netnografia como um método parcial, ele alerta que a etnografia possui um caráter holístico.

Após estabelecer comparações sobre o que é netnografia e etnografia é

possível compreender a aplicabilidade do método netnográfico. Uma vez que a netnografia se adapta aos procedimentos etnográficos referentes à observação participante. Ao mencionar qual o conceito do método netnográfico, o autor já afirma que “é uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo *online*” (KOZINETES, 2014, p. 61-62). Fazendo uso de comunicações mediadas pelo uso do computador, o pesquisador pode reconhecer e identificar a importância desse tipo de interação na vida dos participantes/membros da cibercultura.

Utilizar a netnografia significa que houve um gasto de tempo interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura *online*. A netnografia, assim como a etnografia, utiliza um conjunto de protocolos enumerados em 6 passos: “planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa” (KOZINETES, 2014, p.62).

Entretanto, Kozinets alerta que nenhuma netnografia é 100%, perfeita e de âmbito purista metodologicamente falando. Sobre saber se ela é ou não suficiente, cabe atentar-se para as perguntas, a forma como o etnógrafo tenta investigar.

A pesquisa debruçou-se no estudo de um fenômeno sociocultural, o empoderamento feminino negro, que ganhou amplitude e nova concepção por propor uma ressignificação da corporeidade negra. Devido a esse fato optou-se por fazer uma pesquisa de caráter qualitativo associada a alguns elementos da netnografia, devido ao peso do componente *online*. Este, por sua vez, ganhou importância por acelerar a disseminação da informação, possibilitar um diálogo sobre questões que inclui práticas de preconceito e racismo, troca de experiência, militância e aprendizado como a ressignificação das práticas de escrita e leitura.

Na pesquisa optou-se por trabalhar em harmonia com estes métodos: o qualitativo mesclado ao netnográfico, como apoio para iluminar questões que envolvem a necessidade de compreender o processo de aprendizagem numa plataforma virtual.

Quando se menciona o uso da netnografia está se referindo à adaptação da etnografia, devido a sua abordagem antropológica quanto a estudos culturais, readaptada aos nossos objetivos que exclui o fator da participação ao assumir apenas a observação para identificar a estruturação do ambiente de conhecimento e identificar as práticas de letramento de reexistência desenvolvidas a partir, e com a concepção de empoderamento.

A netnografia assumiu “uma abordagem que às vezes é usada como técnica independente e, em outras vezes, como parte de um estudo maior que inclui entrevistas com pessoas, trabalho de campo e talvez outros métodos” (KOZINETS, 2014, p. 65). Etapas que constituíram todo o percurso metodológico da pesquisa aqui descrita e analisada.

Para que isso acontecesse, fez-se uma relação de alguns grupos/comunidades e seus objetivos para compreensão de qual a dinâmica de cada um, como mostra o quadro abaixo.

Quadro1: Mapeamento de grupos/comunidades no Facebook

Nome do Grupo/ Comunidade	Tipos de postagem
<i>Blog das cabeludas - Cabelos crespos, afro hair, Black power</i>	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ¹ ou originais.
Cabelo Cacheado (Curly Hair)	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Cacheadas em Transição	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Crespos empoderados	Além de fotos de cabelos crespos ou cacheados, vídeos, textos e imagens de conscientização de questões de gênero e raça.
Encrespa Geral BH	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Encrespando	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Geledés Instituto da mulher negra	É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral.
Meninas de cabelo Crespos	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Meu cabelo tipo 4	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.
Que nega é essa?	Além de fotos de cabelos crespos ou cacheados, vídeos, textos e imagens de conscientização de

¹ Big Chop ou Grande Corte: processo de cortar todo o comprimento do cabelo com química.

	questões de gênero e raça.
Pipa Azul	Apresenta fotos e imagens com imagens sobre o empoderamento da mulher negra.
Afrostream	Comunidades que retratam o empoderamento e Tombamento negro.
Tô de Cachos	Página da Marca Salon Line.
<i>No/low poo</i> Cabelos Crespos	Fotos, imagens, vídeos e discussões sobre a aceitação do cabelo crespo.
Simplesmente Cachos	Predominantemente fotos de mulheres negras ou não, com cabelos crespos ou cacheados, em processo de transição, BC ou originais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos grupos e comunidades observados poucos são os que trazem, de forma explícita, em sua descrição uma questão política de gênero, questões étnico-raciais e relações de poder. A grande maioria retrata mais imagens, vídeos e comentários de como cuidar e tipos de penteados para o cabelo crespo natural. Entretanto, a observação e reflexão sobre a postura dos comentários proporciona uma análise crítica de um possível processo de aprendizagem.

Para isso, a anotação, uma reflexão mais crítica e teórica advindas da observação foi de grande valia para que essas nuances fossem reveladas e, assim, conseguir verificar como o processo de aprendizagem se desenvolve naquela plataforma virtual.

A abstração e comparação foram utilizadas para filtrar e, até mesmo, classificar a codificação construída pelas participantes dos grupos/comunidades numa perspectiva categórica. Uma técnica eficiente, pois

os materiais são classificados e filtrados para identificar expressões, sequências compartilhadas, relações e diferenças distintas; esse processo de abstração constrói os códigos categorizados em construtos, padrões ou processos conceituais de ordem superior ou mais gerais; a comparação considera as semelhanças e as diferenças entre incidentes de dados. (KOZINETS, 2014, p. 114).

Na perspectiva categórica foi possível identificar alguns códigos e expressões utilizados no diálogo que se constrói nos grupos/comunidades. Entre os mais utilizados tem-se a classificação do tipo de cabelos crespos naturais, que infere uma reorganização das relações de poder entre as mulheres negras. Quanto, por

exemplo, os cabelos crespos tipos 3² são preteridos aos dos tipos 4³, por terem um cacho definido⁴ e, assim, serem considerados mais bonitos.

Com as articulações dessas informações de análise de dados a abordagem netnográfica possibilitou a observação como participante do grupo/ comunidade, a interpretação dos resultados e apresentação, redação e relato que a pesquisa desenvolveu.

As etapas da pesquisa foram constituídas em três momentos que envolveram coleta de material, aplicação de formulários *online* e entrevistas. O primeiro momento da pesquisa envolveu a observação, análise e compilação dos grupos e comunidades de *Facebook* que retratam a questão estética, o cabelo crespo natural como símbolo de empoderamento. Após tal análise partiu-se para seleção de grupos e comunidades para aplicação dos formulários *online*. Foi compilado um total de 15 grupos e comunidades conforme descrito na tabela anterior.

A formulação dos questionários *online* partiu de uma percepção constituída pela observação sem intervenção nos grupos e comunidades. Com o primeiro formulário aplicado no primeiro semestre do ano de 2015, conseguiu-se um total de 100 respostas. Por ter sido elaborado no início da pesquisa, detalhes que no ano seguinte da pesquisa fizeram-se necessários não foram contemplados neste questionário. E, por isso, elaborou-se outro questionário aplicado no segundo semestre de 2016. Este, por sua vez, não obteve um grande número de respostas, foram apenas 10.

A partir dessas informações passamos para o segundo momento da pesquisa, que engloba a análise dos questionários e construção da concepção do sujeito de pesquisa a partir dos dados compilados. Gráficos e tabelas foram elaborados para entender quem são os sujeitos que compõem e interagem nos grupos e comunidades. Com isso é possível compreender melhor a emergência dos temas tratados e a concepção do conceito de identidade.

No terceiro momento, selecionamos para uma entrevista os sujeitos da pesquisa aqui relatada e analisada. A escolha dos sujeitos partiu da análise dos questionários, tendo como critério a busca por mulheres negras que, por algum

² É o cacheado que forma o cacho por completo (as famosas molinhas). Disponível em: <<http://www.dicasdafe.com/dicas-essenciais-para-os-tipos-de-cachos-2b-3b-4a/>>.

³ É o cabelo crespo que possui mais volume e o fator encolhimento é mais intenso. Disponível em: <<http://www.dicasdafe.com/dicas-essenciais-para-os-tipos-de-cachos-2b-3b-4a/>>.

⁴ Quando a textura do cabelo forma molinhas ou cachos mais definidos com volume moderado.

momento da vida, tenham passado pela EJA. Por esse motivo o número de sujeitos da pesquisa foi bem reduzido, totalizando 02 mulheres. Os nomes fictícios dados às entrevistadas foram retirados do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da autora Conceição Evaristo. Um livro que conta a história de várias mulheres com escrituras distintas que, em algum momento da vida, cruzam com o caminho da escritora, conforme relatado na introdução. Sendo assim, à primeira entrevistada, de 17 anos, foi dado o nome de Mirtes Aparecida Daluz e a segunda, uma mulher de 47 anos, Instalina Campo Belo. Os nomes estão associados a forma com que fui recebida por cada uma delas e a descrição da recepção das personagens ao compartilhar suas histórias com Conceição Evaristo.

Conquanto, associados às entrevistas, foram coletados materiais advindo das postagens nos grupos e comunidades e a transcrição e análise das entrevistas. Diante desses dados foi possível estruturar o produto da pesquisa destinado aos educadores que atuam nas turmas de EJA.

1.2 Geração de Dados

Para a coleta e, posteriormente, análise de dados, foram traçadas algumas etapas metodológicas, como a compilação dos grupos e comunidades no *Facebook*, a seleção dos grupos que retratam os temas empoderamento e construção identitária da mulher negra, a coleta e análise de materiais publicados.

O somatório desses dados compreende uma análise sob a ótica do sujeito, entendendo o significado de suas experiências como parte do aprendizado construído e compartilhado com outros sujeitos numa plataforma virtual. O levantamento dos grupos/comunidades revelou a amplitude de temas como o empoderamento, a aceitação do cabelo crespo natural e o protagonismo da mulher negra. Temas que têm conquistado espaço na rede social *Facebook* e fora dela. Extrapolando o mundo virtual e chegando, com grande força, aos supermercados, lojas de cosméticos, entre outros, chamando a atenção das empresas de cosméticos para criação de linhas que atendam a necessidade desse público que deseja ter o cabelo natural e, para isso, precisa de produtos que colaborem para isto.

Isto vem ocorrendo não somente em relação às empresas voltadas para o ramo capilar como com as que fabricam maquiagem. Um exemplo, há cinco anos, não existia variações de tons de base para a pele negra. Atualmente, as lojas de

cosméticos apresentam uma ampla variedade de tons para a pele, respeitando as especificidades na mulher negra. Como se pode verificar na imagem abaixo.

Figura 1: Diversidade tonalidade bases



Fonte: Sites das marcas Maybelline⁵ e Quem disse, Berenice?⁶

Concomitantemente com o levantamento de grupos e comunidades, aplicamos um questionário *online*, em alguns grupos e comunidades do *Facebook*, e outro impresso, em uma escola particular, localizada na região noroeste de Belo Horizonte, que oferta a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi um questionário com o objetivo de auxiliar na definição final do tema da pesquisa. Havia a princípio a intenção de verificar o uso ou não da rede social *Facebook* e a porcentagem de mulheres negras educandas da EJA envolvidas com as temáticas discutidas nos grupos e comunidades.

Com os questionários *online* e impressos percebemos a pouca incidência de mulheres negras e educandas da EJA. Boa parte havia concluído ou ainda cursava algum curso. Em contrapartida, os questionários revelaram a existência de um número significativo de mulheres integrantes de grupos e comunidades que falavam de estética, principalmente fazendo menção aos cabelos.

Com o amadurecer da pesquisa, outro questionário mais consistente foi estruturado e melhor elaborado para aplicação na rede social. Com esse segundo questionário buscamos informações como a escolaridade, o tipo de formação, idade, raça/ cor, estado civil, cidade em que reside, a concepção de empoderamento e emancipação. Perguntamos também sobre a possibilidade de participar de uma entrevista.

⁵Disponível em:<<http://www.maybelline.com.br/produtos-de-maquagem/rosto/base/Fit%20Me.aspx>>.

⁶Disponível em:< <http://www.quemdisseberenice.com.br/base-liquida-mate-quem-disse-berenice--803027-p/p>>.

Entendemos que seria mais interessante selecionar grupos e comunidades em que, mesmo com postagem de como hidratar os cabelos, formas de pentear e resenhas de produtos capilares, as trocas de experiências constituam um aprendizado fora dos muros da escola, considerado um espaço formal.

De acordo com essas premissas, optamos pela seleção de grupos e comunidades em que a troca de experiências se destacou como viabilizador da aprendizagem. A análise dos grupos e comunidades ocorreu no segundo semestre 2016 e foi feita a partir de postagem envolvendo os temas empoderamento, gênero e relações étnico-raciais.

A opção por esses temas advém da intenção em identificar como o discurso das participantes é moldado pelas estruturas sociais e como aparecem no processo de (re)construção identitária da mulher negra.

Para tanto, alguns critérios foram estabelecidos para a escolha e análise das postagens:

1. Publicações e respostas referentes aos temas escolhidos;
2. Publicações com maior número de comentários (lembrando de que esse número é subjetivo dependendo do número de inscritos em cada grupo e/ou comunidade);
3. E respostas com maior número de comentários.

Esses critérios foram essenciais para que a pesquisa não se perdesse em meio à extensão quantidade de temas debatidos nos grupos e comunidades estudados. Além de proporcionar uma descrição de como o empoderamento é constituído e conceituado pelas participantes dos grupos e comunidades. Assim, tendo como base o discurso incluso em cada comentário e postagens das participantes podemos até responder à pergunta: existe um novo conceito e que conceito de empoderamento é esse estruturado por essas mulheres?



2. O ENCRESPAR A PARTIR DOS SUJEITOS

Neste capítulo descreveremos e explicaremos os conceitos que desenham o corpo da pesquisa e a caracterização dos sujeitos. Isso garantirá o entendimento dos assuntos retratados nos capítulos posteriores.

2.1 Concepção de sujeito

Entrecruzando esses conceitos de identidade com a concepção de sujeito de Paulo Freire, observamos que o sujeito, é aquele que não somente dispõe de sua raiz histórica, mas que expressa sua humanização ao exercitar sua liberdade, “assume as tarefas de seu tempo, reflete e analisa-as, posicionando-se criticamente e tomando decisões que interferem e alteram a realidade” (OSOWSKI et al, 2016, p. 382).

Freire em suas obras faz menção e conceitua o sujeito, tendo como base sua práxis, a partir de dois polos, o sujeito objeto e o sujeito social. Segundo o Dicionário de Paulo Freire, o conceito de sujeito objeto perpassa pela adaptação e acomodação, ou seja, o sujeito

existirá como objeto: coisificado, desenraizado, desumanizado.[...] o homem não é mais capaz de alterar a realidade, mas de ajustar-se a ela. [...] frente a uma cultura de massificação desencadeada pela mídia, submetido ao apelo da publicidade, perdido no excesso de informação e ainda sucumbindo à força dos mitos, esse homem moderno já não tem como reconhecer sua integridade e afoga-se no anonimato ou na minimização do seu próprio eu. (OSOWSKI et al, 2016, p. 382-383).

Sob essas condições, o sujeito objeto deixa de ser o protagonista de sua história para se submeter a uma “elite” que ditará o que e como ele deverá agir. Então esse sujeito assume a condição de objeto, um ser coisificado, mergulhado no anonimato da massificação.

Ao contrário do sujeito objeto, temos o sujeito social conhecido na obra de Paulo Freire como “sujeito histórico”, “sujeito crítico” e “sujeito dialógico” (PITANO et al, 2016, p. 385). Estamos falando de uma concepção de sujeito imersa na ação, no movimento do vir a ser, que possui uma “posição crítica, ativa e dialógica” (PITANO et al, 2016, p.385). Um sujeito que protagoniza sua própria história e tem suas raízes

no processo de libertação e busca a “humanização solidária de todos” (PITANO et al, 2016, p. 385).

É possível iniciar esta sessão afirmando que se fala de um grupo de sujeitos excluídos socialmente. O que não é de todo equivocado, porém crê que antes de afirmar a existência da exclusão, é preciso descrever o que é identidade e sua relação com a diferença.

Quando se fala em sujeito está automaticamente se referindo a um processo de reconstrução identitária, constituído por descentralizações e deslocamentos (HALL, 2011). Na análise de Hall (2011), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não digo algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. [...] Está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2011, p. 38-39). Dessa maneira, a concepção de identidade carrega como marca as mudanças e fragmentações das sociedades modernas que rompem com a ideia de um indivíduo centrado.

Sendo assim, segundo Woodward (2012, p.11), “a identidade é marcada pela diferença”, Ou seja, a identidade desse grupo de mulheres negras legitima-se a partir de algo que está fora dele, as mulheres brancas. É nesse jogo de diferenciação que, por meio de um sistema de símbolos, a representatividade social desse grupo de sujeitos se constrói. Também é pelo intermédio da representação que se pode entender e compreender a classificação de mundo e as relações constituídas nos grupos e comunidades de *Facebook*. Assim o cabelo crespo natural torna-se símbolo representativo da identidade das mulheres negras.

A identidade é marcada pela diferença e pela constituição de símbolos, conforme já dizia Hall (2000). Essa diferença é sustentada pela exclusão, assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Essa valorização da diferença na construção da identidade produziu significados que dão sentido as experiências de cada grupo social e ao que elas representam. Por meio de suas representações, nota-se a presença de identidades individuais e coletivas.

É um processo no qual busca-se características que identificam com nosso grupo social, ou que represente o que somos, ou o que queremos ser. Assim foi se criando e se recriando a identidade negra no Brasil, e o é nos grupos e comunidades de *Facebook*, por meio de símbolos e representações. O processo de diferenciação identitária é potencializado pelo racismo.

Fronteiras foram estabelecidas para diferenciar uma cultura da outra e, até mesmo, para inferiorizar uma determinada identidade. Essas acepções permaneceram como forma de diferenciar as identidades que surgiam, mesmo com as transformações sociais.

Conforme foi dito anteriormente, a cor da pele foi um fator que se estabeleceu para diferenciar e classificar as identidades brasileiras, isso nos séculos XVIII e XIX. Com as novas teorias historiográficas do século XX, surgiram novos critérios que distinguem uma cultura da outra.

Cabe ressaltar que quando se fala de identidade e diferença não nos referimos apenas às características fenotípicas de cada grupo étnico, mas também a forma com que os indivíduos se consideram parte de uma dita identidade. Lembrando que a identidade não é um evento fixo, ela se desloca constantemente fazendo com que um indivíduo assuma identidades de acordo com o que sente em um determinado momento de sua vida.

Logo, ao efetuar a escolha do sujeito de pesquisa é preciso ter em mente, e refletir sobre, a complexidade que envolve o conceito de identidade. Uma vez que é

precisamente porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2012, p.109).

Posto isto e, também, dialogando com a concepção de sujeito de Brandão (1997), entendemos que

o sujeito pode assumir diferentes estatutos no interior do discurso, porque não é marcado pela unidade, mas sim pela sua dispersão. Dispersão que reflete a descontinuidade dos planos onde fala, em decorrência das várias posições possíveis de serem assumidas pelo falante (BRANDÃO, 1997, p. 283).

Nesta concepção encontramos as características que compõem os sujeitos da EJA. Um sujeito demarcado pelas efervescências, relações sociais em conflito com a proposta curricular de uma escola que negligencia o corpo deste sujeito.

Com esta caracterização conseguimos compreender o sujeito de pesquisa em seu contexto de construção histórica, cultural e social. E por tratar de sujeitos oriundos da EJA, as contribuições de Paulo Freire por abarcar melhor toda subjetividade das educandas dentro da concepção da Educação ao Longo da Vida

foram adotadas, na perspectiva da Educação Popular.

A EJA coloca em debate duas vertentes, a exclusão social e a democratização do ensino, dialogando com o acesso e permanência de todos. São essas questões que fundamentam o papel da Educação ao longo da vida, ao tencionar que uma aprendizagem

“do berço ao túmulo”, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento. (CONFITEA VI, 2010, p.6).

Partindo desta perspectiva educacional, a EJA se constitui de um processo que acontece ao longo da vida. Por isso, é preciso estar atento a secundarização da educação de adultos diante da centralização da educação da criança. Podemos dizer que a visão essencialista e o olhar pragmático sobre a educação de adultos impeliram numa direção contrária da educação permanente.

Explanando melhor, a visão essencialista de mundo enxerga que a condição do ser criança está “em processo de formação física, cognitiva, moral e social, enquanto o adulto já está pronto em seu processo de desenvolvimento” (OLIVEIRA et al, 2009, p.1). Ou seja, o adulto já passou da faixa etária.

Por esse motivo, a Educação de Adultos se contrapõe à visão essencialista e utilitária ressaltando a importância da visão existencialista e dialética de mundo (OLIVEIRA, 2009). A visão essencialista e dialética de mundo tem como coluna dorsal a concepção de ser inconcluso de Freire (2015), que os inscreve num permanente movimento de busca. Ou seja, a “humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão” (FREIRE, 2015, p.40).

Com base nessa concepção, a educação ao longo da vida presta-se a “(re)alargar o âmbito dos conceitos de educação e aprendizagem, reconhecendo a relevância de espaços e tempos educativos que estão para além dos espaços e tempos escolares” (ALVES, 2010, p.11). Em outros termos, o processo educativo precisa dialogar com o ciclo de vida do indivíduo buscando uma dimensão essencial, isto é, uma visão existencialista.

Pois bem, numa análise mais crítica, a aprendizagem ao longo da vida não é

novidade quando se trata de considerar o tempo e o espaço do indivíduo. Em contrapartida, coloca-se como algo novo se considerada como lema e elemento estruturante de políticas educativas. Confrontando com as medidas emergenciais para a Educação de Jovens e Adultos e interrogando o sistema educativo quanto à aprendizagem decorrente dos espaços informais. Traduzindo-se

na estreita associação entre aprendizagem ao longo da vida e sistemas educativos, esquecendo que a aprendizagem decorre também em espaços informais que não se estruturam em termos de objetivos educativos e que correspondem às atividades diárias relacionadas, designadamente, como o trabalho, a família ou o lazer. (ALVES, 2010, p. 12).

A essas concepções implicam dois tipos de riscos: o primeiro deles a finalidade profissional e competição econômica, e o segundo assegura que a aprendizagem é responsabilidade exclusiva do indivíduo. Ou seja, além da aprendizagem ao longo da vida torna-se sinônimo de qualificação para o mercado de trabalho, ela perde o caráter de criar oportunidades educativas e formativas que atendam a diferentes tipos de públicos.

Dito isso, podemos, então, caracterizar os indivíduos que compõem o enredo articulado pela Educação ao Longo da Vida. Ou seja, quem são os sujeitos da EJA? Segundo Oliveira (2009), na EJA é possível encontrar alunos “pertencentes às classes populares, negados no seu direito constitucional de acesso ao sistema escolar” (OLIVEIRA, 2009, p.10). Sendo mais específico, “são jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re)inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência” (Parecer CEB 11/2000. In. SOARES, 2011, p. 77).

Para efetuar a caracterização dos sujeitos da pesquisa é preciso entendê-los em seu contexto social e cultural. Pelo olhar da EJA, percebemos que são sujeitos que foram, em algum momento da vida, excluídos da escola por repetição ou evasão. Para Oliveira (1999) é indispensável saber as especificidades dos jovens e dos adultos na concepção de conhecimento e aprendizagem, visto que está caminhando para além de uma questão etária, apresentando-se como característica cultural.

Seguindo com esta análise, é preciso, em primeiro momento, abrir mão do senso comum que faz crer em uma homogeneidade no grupo de educandos que compõem a EJA e se conscientizar de que não se trata de qualquer jovem e adulto,

mas sim de sujeitos com características específicas. Oliveira (1999), em seu artigo “Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem”, faz uma breve descrição das especificidades de quem são os adultos e jovens da EJA. Para a autora, o adulto

é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiências no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo (OLIVEIRA, 1999, p. 59).

Já os jovens, Oliveira (1999, p. 60) caracteriza como “mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana”. Ambos possuem a exclusão escolar como ponto de interseção envolvendo o desrespeito e a não adequação à especificidade do grupo. São características que perpassam, também, a corporeidade negra.

2.2 Corporeidade negra

O corpo negro revela-se como uma arma que possibilita a concretização de um registro histórico, ao produzir uma história de resistência. Uma das maneiras que o oprimido dispõe para se manifestar é por meio da afirmação de sua identidade que “se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo” (GOMES, 2008, p. 20).

A corporeidade negra é um fator primordial para reiteração de uma identidade negra. A sua descoberta mostrou aos negros a amplitude de sua negritude por meio da expressão corporal e do símbolo. Ela também expressa a memória do povo negro ao se apoiar em elementos como a música, o canto, a vestimenta, o cabelo, o corpo, entre outros. Então,

[...] o cabelo e a cor da pele são as mais significativas. Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autoclassifica nos censos demográficos. (GOMES, 2008, p. 21).

O corpo visto numa percepção coletiva, ao registrar vivências e valores

herdados dos povos africanos, se revelou como referencial identitário, mesmo diante das crises identitárias.

Apesar da importância do corpo para a preservação da cultura afro-brasileira, por muito tempo as feições físicas dos negros foram vítimas de preconceitos. As mulheres negras e participantes dos grupos e comunidades de cabelos crespos no *Facebook* buscam compreensão e aceitação do corpo negro para além de uma unidade biológica, restrito ao físico, orgânico e motor.

Para entender o corpo negro, é preciso compreender o termo corporeidade e a complexidade desse conceito, em especial quando se faz a relação do corpo com um processo histórico cultural. Por assim dizer, a corporeidade é o processo de envolvimento do ser com o mundo, relacionando sentir e agir em um contexto sociocultural, ou melhor, a maneira com que se acessa o mundo.

Tornou-se necessário chamar a atenção para refletir e repensar o corpo, em sua corporeidade, como um lugar que permite o aprendizado e conhecimento como um objeto em transformação. No processo de compreensão e definição da corporeidade, podemos identificar que “(...) esse corpo em movimento toma posse da palavra poética e, pelo processo de deslocamento metonímico, produz-se como signo de autorreconhecimento”. (MARTINS, 2002, p. 114).

Corpo e corporeidade negra estão diretamente relacionados aos processos de constituição de identidades, pois possuem um caráter fragmentado, histórico, instável e plural. O corpo, marcado por identidades, se expressa de várias formas e maneiras, é esse deslocamento metonímico um signo de autorreconhecimento, um universo de ressignificação.

O corpo é compreendido pela viabilização de expressões de produção do saber e conhecimento, alicerçados pela vivência da raça e, conseqüentemente, pela forma como o negro vê o mundo. Em outras palavras, e de acordo com Gomes (2011),

os conhecimentos ou saberes produzidos pela população negra dizem respeito a uma forma de conhecer o mundo, a produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça – entendida como construção social, histórica e cultural – numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social. A vivência da raça faz parte dos processos regulatórios, de transgressão, libertação e emancipação vividos pelos africanos e seus descendentes no Brasil, desde o regime da escravidão até os nossos dias. (GOMES, 2011, p. 45).

Oliveira (2005, p. 131), afirma que “o corpo é o primeiro espaço a ser tocado, é o laboratório das experiências e a possibilidade real de expressão simbólica. Por assim dizer, é parte fundamental no processo de constituição identitária que envolve a atuação e o modo de se compreender e interpretar o mundo ao redor. É um corpo que transita por vários estágios, entre eles a negação de si mesmo, a um ideal simbólico de aceitação e às agressões, moral e física, oriundas do preconceito e racismo.

De acordo com Gomes (2011) a corporeidade representa o “corpo em movimento, suas potencialidades, simbolismos e representações” (GOMES, 2011, p. 48), ou seja, a forma com que o negro se insere na sociedade como protagonista de sua própria história.

No entanto, existe uma rede de poder que faz uso de códigos éticos que classificam, identificam, diferenciam e regulam os corpos. Ou seja, “negar o corpo é negar à pessoa ser ela própria; é rejeitá-la naquilo que a faz pessoa, que a faz gente e que a faz reconhecer como o (a) outro (a), o diferente” (OLIVEIRA, 2005, p. 133). Por isso, se diz que o corpo negro é marcado pelas identidades, uma vez que esses códigos éticos interferem em sua maneira de agir socialmente.

Enxergamos o “outro” a partir de suas atribuições culturais. Dessa maneira, classificamos “os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam” (LOURO, 2000, s/p.).

Diante dessas informações, foi necessário entender os processos identitários e as práticas do movimento negro para compreensão das transformações pelas quais o corpo e a corporeidade negra vêm sendo acometidos, pois os corpos são significados e ressignificados, a todo o momento, pela cultura.

Esses passam por um constante processo de mutação que resultam das mudanças dos processos estruturais e institucionais de nossa sociedade. Na concepção de Stuart Hall (2011)

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13).

O processo de escravidão marcou o corpo feminino negro não apenas com as

cicatrizes dos mais cruéis castigos, como também impôs a esse corpo representações simbólicas do erótico, tornando-as vítimas das mais variadas agressões sexuais, como explica Kabengele Munanga (2008),

as escravas negras, vítimas fáceis, vulneráveis a qualquer agressão sexual do senhor branco, foram, em sua maioria, transformadas em prostitutas como meios de renda e impedidas de estabelecer qualquer estrutura familiar estável. (MUNANGA, 2008, p. 86).

O corpo da mulher era tratado como mercadoria, que, quando não era destinado aos afazeres domésticos, era destinado aos caprichos sexuais de seu senhor. Esse é um fardo que, apesar do passar dos anos, ainda assombra a vida de muitas mulheres negras. A associação de seu corpo negro com objeto sexual é um dos motivos que as coloca como as maiores vítimas de estupro.

Segundo dados do anuário brasileiro de segurança pública, em 2012, foram relatados 50.224 casos de estupro e, no ano 2013, foram cerca de 50.320 casos. De acordo com pesquisas do órgão de segurança pública, somente 35 % das vítimas de estupros relatam o episódio à polícia, assim pode se dizer que no ano de 2013 no Brasil aconteceu cerca de 143 mil casos de estupros. Em 2014 foram registrados 47.646 estupros, uma redução de 6,7% em relação a 2013.

O 9º anuário brasileiro de segurança pública relatou que em 2014 foram registrados 282.744 crimes tentados ou consumados no Brasil e Unidades da Federação. Crimes contra a dignidade sexual que incluem os itens estupro, atentado violento ao pudor, estupro de vulnerável, corrupção de menores, tráfico internacional de pessoa para fim de exploração sexual, tráfico interno de pessoa para fim de exploração sexual, entre outros, somando em todo país o total de 14.246. Este número representa 5% dos crimes tentados ou consumados, em 2014, no Brasil e unidades da federação. Segundo o 9º anuário brasileiro de segurança pública, em 2014, no Estado de Minas gerais, crimes contra a dignidade sexual representaram 0,43%.

Esses dados ainda não apontam o percentual de mulheres negras que são agredidas e estupradas por ano no Brasil. Assim, a pesquisa propõe a compilação de pesquisas que apontem esses dados.

A valorização do feminino também é abordada nos grupos e comunidades da rede social *Facebook* ao

[...] discutir questões relacionadas ao papel da mulher na sociedade, mas não qualquer mulher: uma mulher consciente e preocupada com seu lugar na sociedade, como alguém que pertence a um grupo social que sofreu e sofre violência e privação de direito, como uma minoria social e histórica. (ROJO, 2013, p. 49).

Formando elementos que são constituídos e agregados ao perfil de mulher que trabalha, estuda, participa da rede social *Facebook* e é militante engajada em questões socioculturais.

2.3 Característica dos sujeitos da pesquisa

2.3.2 Gênero

Uma das questões que esta pesquisa expõe é a localização da mulher negra na modalidade da EJA quanto ao processo de aprendizagem. Neste processo de recorte da questão de gênero identificamos também a presença de especificidades provenientes do ser jovem e do ser adulto.

No exercício de descrever, identificar e localizar o lugar sociocultural das jovens, de 15 a 29 anos, mulheres, negras e educandas da EJA, procuramos nos apoiar no entrelaçar de alguns apontamentos da pesquisa elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – O perfil da mulher jovem de 15 a 24 anos: características diferenciais e desafios – que nos diz:

Do ponto de vista educacional, as pessoas nesta faixa etária já teriam condição de ter terminado ao menos o curso fundamental e poderiam ter ingressado no mercado de trabalho de acordo com a legislação vigente. Em relação às mulheres, 15 anos é o marco do início da fertilidade (IBGE, 1995 s/p.).

Grupo de indivíduos por que podem perpassar diversas questões complexas, como a questão de gênero, identidade, racismo e discriminação. Ou seja, um sujeito que pode ser atravessado por variáveis e elementos. Uma vez que, segundo a pesquisa do IBGE, com o aumento desse público surgem implicações como a necessidade de emprego, educação de qualidade, cultura, lazer, políticas públicas específicas, entre outros.

O que nos faz perceber, a priori, que esses sujeitos buscam uma escolarização interrompida na infância e/ou adolescência, que sofrem com a desigualdade e discriminação de gênero e raça no mercado de trabalho e nos meios

socioculturais e políticos. E que veem nos estudos um meio de resistir ao discurso de exclusão inserido na estrutura de nossa sociedade.

Algo que conduz a um lugar de autoafirmação das especificidades o ser mulher negra. Revelando a necessidade de inserção, ou melhor, uma autoinscrição no mundo. Denominado por Evaristo (2007) como escrevivência da mulher negra, “uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia [...]. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Dessa maneira, o gênero, na perspectiva do feminino, ramificou-se em outras vertentes como a prática do discurso, que está associado à linguagem como forma de representação e identificação. As quais se constroem por meio do conhecimento, valores sociais, a imagem de si e do outro.

Dentro dessas caracterizações é importante assinalar a presença de três discursos que envolvem o ser mulher e negra, dentro e fora do âmbito escolar, e que interferem em sua escrevivência social.

O primeiro discurso é o de controle, representando o conservador e tradicional. Referindo-se a manutenção da desigualdade de poder entre homem e mulher, fundamentado por instituições como a Igreja Católica e o Estado. Discurso de controle este que, de acordo com Magalhães (2008) se define por efeitos construtivos que se relacionam à assimétrica de poder entre homens e mulheres.

O segundo discurso é o de liberação, associado ao processo de emancipação fazendo crítica à família patriarcal em que pai, irmão e marido desempenham o papel de controladores. O terceiro faz menção ao corpo, envolvendo a constituição das “formas de ser, identidades pessoais e sociais (estilos)” (MAGALHÃES, 2008, p.62).

De acordo com a compreensão dos três tipos de discursos, cabe lembrar que “as identidades femininas desenvolvem-se nas práticas sociais, em relação de poder, mas também sugerem novas formas de sentir, de ser e de relacionar-se (MAGALHÃES, 2008, p.62)”. Todas essas caracterizações e práticas sociais interferem no modo como essas mulheres se reconhecem e identificam em um novo contexto educacional.

2.3.3 Raça

Além da problematização de gênero, não podemos esquecer do termo raça

recoberto de questionamentos e interpretações. O que para Costa (2009)

é uma conotação política e é utilizado com frequência nas relações sociais no Brasil para informar como determinadas características físicas (cor de pele, tipo de cabelo, dentre outras), influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade. (COSTA, 2009, p.78).

O uso do termo raça em ambiente educacional, ainda que tenham se completado treze anos do sancionamento da Lei 10.639/2003⁷ é contraditório. Mesmo na EJA, modalidade que descreve em suas siglas as especificidades de seus educandos, pela prática profissional da pesquisadora nos permite dizer que é tímido o número de projetos que venham incidir nas desigualdades de gênero e raça propostos e implementados em sala de aula. Ainda a escola reconhecendo a existência do racismo e discriminação, ela também assume a função de reprodutora de um cenário para a perpetuação da assimetria racial.

Todos esses conceitos aqui citados dialogam e coexistem com a concepção de sujeito num contexto mais amplo e específico, como o adotado nesta pesquisa. São variantes sociais decorrentes da contemporaneidade, refletidos na forma de se identificar e se reconhecer como parte do processo de inclusão em todos os âmbitos.

Caracterizando melhor o sujeito desta pesquisa, verificamos que essas mulheres que se dispuseram a dialogar com esta pesquisa são negras, jovens e adultas, são moradoras da cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana, fazem uso das redes sociais e são integrantes/participantes de grupos sobre cabelos afro-brasileiros. A partir dessa seleção buscamos verificar as demais características como profissão, renda, escolaridade, estado civil, maternidade, religião, entre outros.

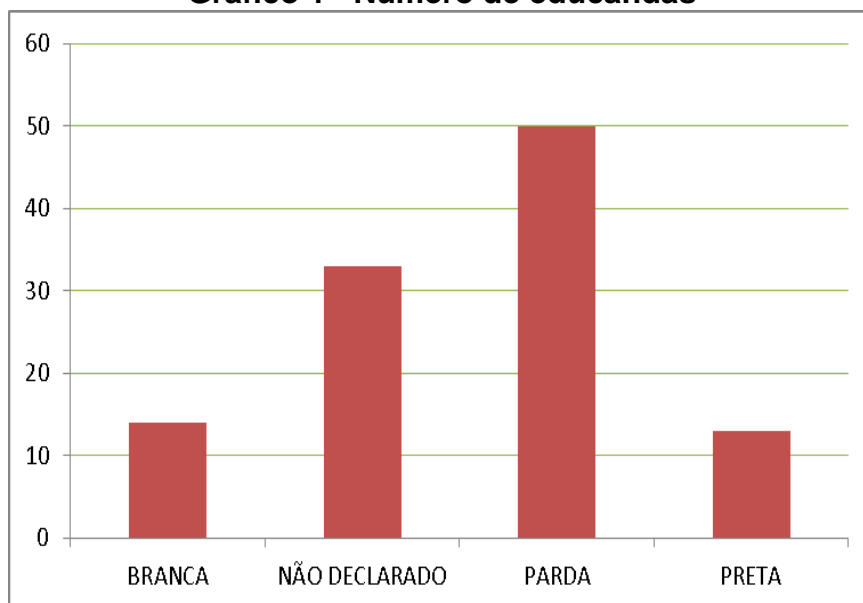
A escolha por esse sujeito advém de uma primeira análise, em que foi compilada uma relação dos grupos e comunidades de *Facebook*, que retratam a estética da mulher negra. Dentre esse levantamento foram escolhidos grupos/comunidades que, além de tratar da questão estética, explicitam matérias e

⁷ Lei que torna obrigatório o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

textos relacionados com os conceitos de gênero e relações raciais.

Uma segunda análise, que também orientou na escolha do sujeito, está relacionada com o prévio levantamento feito em uma escola particular, situada em Belo Horizonte, que oferta a modalidade de ensino EJA. Nessa escola, identificamos que das 110 educandas, 50 se declaram pardas e 13 negras. Todas estão matriculadas na fase de alfabetização e nos demais anos do Fundamental II e Ensino Médio. Conforme se pode visualizar nos gráficos abaixo:

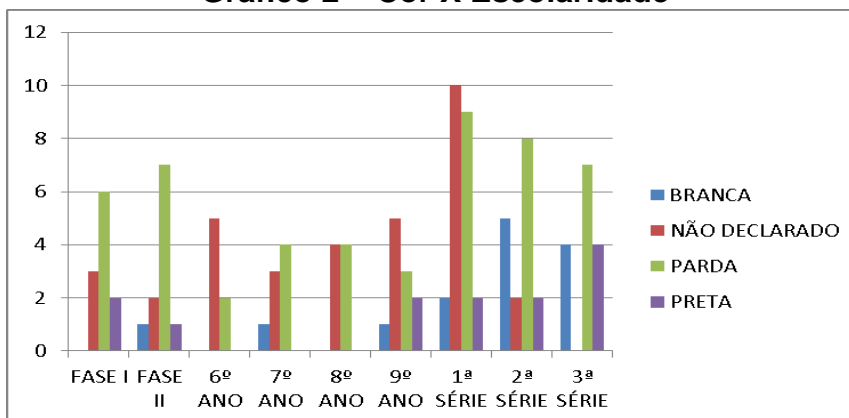
Gráfico 1 - Número de educandas



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 1 representa características étnicas, no geral, das educandas matriculadas na EJA da escola analisada.

Gráfico 2 - Cor X Escolaridade



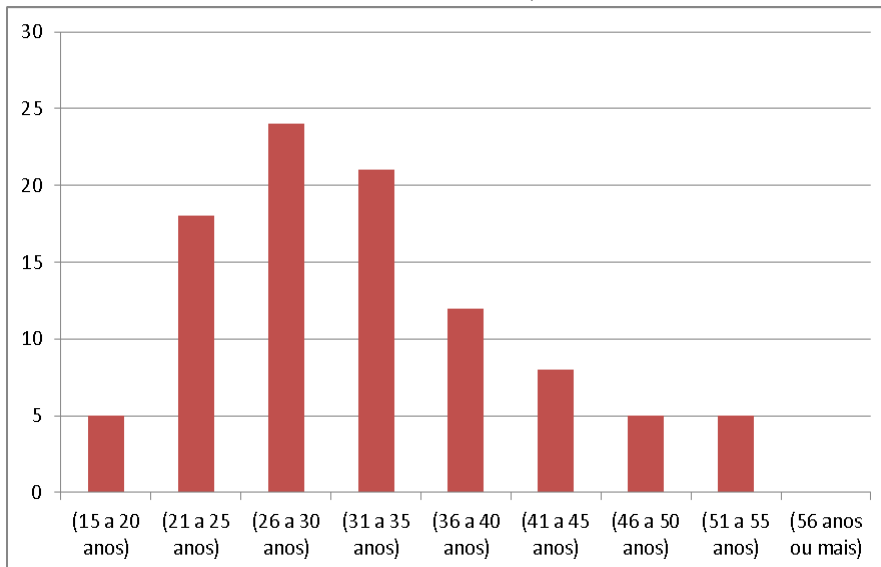
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 2 representa as características étnicas dos educandos por modalidade de ensino da escola analisada. E desta maneira, o tema da pesquisa se referiu à construção identitária das mulheres negras nos grupos e/ou comunidades da rede social *Facebook*. E, nesse caso, focaliza a temática do cabelo crespo natural como símbolo do empoderamento.

O formulário de pesquisa foi aplicado no primeiro semestre do ano de 2015, e teve como título “Questionário Crespas e Cacheadas”. Ele foi elaborado apenas com 6 perguntas para análise das características das participantes dos grupos e com ele conseguimos um número de 100 respostas. As perguntas usadas foram: Qual intervalo corresponde a sua idade? Qual a sua raça? Está estudando? Está cursando a Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Mora em Belo Horizonte?

A primeira pergunta que corresponde à idade das participantes revela que a maioria compreende as faixas etárias de 26 a 30 e 31 a 35 anos.

Gráfico 3 - Idade das mulheres – Questionário online 2015



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 3 também mostra que a maioria das participantes é composta por jovens e adultas. Poucas são as mulheres com idades entre 41 a 55 anos, assim também como as mais jovens entre os 15 e os 20 anos, que participam desses grupos e/ou comunidades da rede social *Facebook*.

Quanto à raça das participantes temos que 79,80% (79) se declararam preta e 16,16% (16) parda. Pela escala utilizada pelo IBGE, que classificam pretos e pardos

como negros, constatamos que são grupos compostos por mulheres negras. O número de mulheres brancas representou 4,4% (4) da análise e não teve nenhuma mulher se declarando indígena.

Desse total, no período de aplicação do questionário, 52% das mulheres estudavam e 48% não. E apenas 3% passaram pela Educação de Jovens e Adultos, lembrando que não foram descritas as formas de oferta da modalidade como Supletivo, presencial, a distância, Cesec ou outra. Quanto à cidade de residência restringimos em saber quem morava na cidade de Belo Horizonte. Assim, identificamos que 21% são belo-horizontinas e 79% são de outras cidades.

Também se pôde contrapor esses dados com o compilado pelo segundo formulário aplicado no segundo semestre de 2016. Esse formulário apesar de estar mais completo em vista do primeiro obteve um número menor de retornos, pois foram 14 respostas.

Com ele foi possível identificar que além da maioria ser negra, são trabalhadoras com graduação já concluída. Sendo que muitas delas já estão atuando profissionalmente na área escolhida. Também possuem idade entre 21 a 48 anos, ou seja, jovens e adultas. Entre essas mulheres, a pesquisa revelou que 9 são casadas, 4 solteiras e 1 amasiada.

No quesito escolaridade básica, constatamos que são oriundas das escolas públicas sendo apenas 6 que estudaram em escola privada. Quanto a Educação Superior, a grande maioria concluiu a graduação na rede privada passando apenas uma vez pelo cursinho pré-vestibular. Sendo que 5 tentaram o ingresso em instituições federais e 11 em particulares. Quanto ao curso pré-vestibular, 9 não frequentaram e apenas 6 passaram por esta vivência.

Detalhando melhor esses dados, evidenciamos que 12 dessas mulheres possuem curso de graduação e apenas 02 não. Entre os cursos citados estão Recursos Humanos, Direito, Pedagogia, Letras, História, Enfermagem, Serviço Social, Administração e Engenharia de Materiais. As conclusões dos cursos estão entre o intervalo de 1994 a 2013. Ou seja, das 14 respostas apenas 03 mulheres ainda estão cursando a graduação, destas, apenas 1 se encontra no 5º período de Engenharia de Materiais, 1(uma) no 8º período de Serviço Social e, por fim, 1 (uma) concluirá o curso de Letras no final do ano de 2016.



3. DO BIG CHOP (GRANDE CORTE) AO EMPODERAMENTO: UM PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NEGRA

O objetivo deste capítulo é retratar a organização e codificação existente nos grupos e comunidades de *Facebook* como também a troca de experiências entre as participantes.

Falar de cabelo crespo natural remete-nos a uma realidade vivenciada por muitas de mulheres negras, que se inicia na infância chegando à vida adulta. A necessidade em manter o cabelo crespo bonito resvala um comportamento de autoafirmação do corpo negro. Bell Hooks (2005), em seu texto *Alisando nosso cabelo*, diz sobre o processo de cuidar dos cabelos crespos como uma vivência em ambiente familiar e a importância dessa ação no cotidiano das mulheres negras. Para Hooks (2005), o ato de alisar os cabelos assumiu o papel de transição de menina à mulher e não propriamente o desejo de parecer com as mulheres brancas. Fazer chapinha ou, como a autora menciona, usar o pente quente era um ritual de intimidade e um desejo de ser mulher.

Foi somente na década de 1960, que o alisamento do cabelo foi associado ao racismo e, por isso, o uso do cabelo natural e penteados *black* tornou-se sinônimos de resistência e militância. Porém, quando esse movimento começa a enfraquecer, ele leva consigo o significado do uso do cabelo crespo natural e faz com que muitos negros retomem o alisamento dos cabelos.

A insegurança da mulher negra quanto aos cabelos, aguçou o olhar dos empresários para a produção de produtos que modifiquem a estrutura do fio capilar para deixá-lo liso. Assim, o ritual de intimidade entre as mulheres negras que acontecia em suas casas perde espaço para os salões de beleza e adquire uma característica de anti-intimidade.

A reflexão sobre raça e beleza física, coloca o cabelo crespo como um inimigo do corpo negro. Hooks (2005) utiliza como justificativa os argumentos das mulheres negras, como “dá muito trabalho”, relacionando a falta de tempo como empecilho para assumir o cabelo natural, o que revela uma não disponibilidade para o cuidado consigo mesmas, considerando essa afirmativa como uma expressão racista que toma da mulher negra o direito de ter tempo para se cuidar.

Ainda ancorada nas concepções de Hooks (2005), até mesmo o fato de a mulher optar por usar os cabelos alisados está associado aos efeitos do racismo, da opressão e da exploração, mesmo perpassando por um simples desejo individual desvinculado da autonegação. Partindo desse pressuposto que a autora alerta sobre a necessidade de manter contato conosco e com nosso corpo, “uns com os outros”, ou seja, “celebrando nossos corpos, participaremos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração” (HOOKS, 2005, s/p).

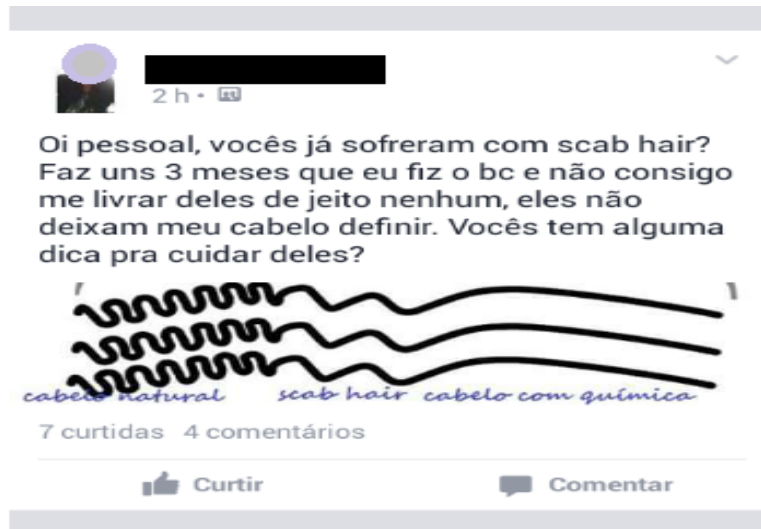
Essas ponderações permitem identificar as armas do racismo e do sexismo. É por isso, que cada expressão de “consegui cortar meus cabelos”, “gosto mais de mim agora do que antes” e “me aceitei como sou” são formas de empoderamento feminino negro, resistindo e reexistindo diante das variadas formas de opressão impostas pela sociedade.

3.1 Breve histórico de uma transição

A decisão por assumir o cabelo crespo natural passa por vários estágios, envolvendo aspectos de âmbitos psicológico e estético na vida de algumas mulheres, interferindo na autoestima, bem como na aceitação das características do corpo negro. Aceitar o cabelo crespo natural significa romper com o estereótipo eurocentrado que tem o cabelo liso como padrão de beleza.

A transição capilar é a fase em que a mulher deixa de usar química para alisar ou amaciar os cabelos crespos. Essa fase é posta como a mais difícil na opinião das participantes dos grupos e comunidades, porque o fio capilar adquire duas texturas ou mais, sendo uma parte natural e a outra com efeitos da química. A imagem abaixo, retirada de uma página de um grupo sobre cabelos crespos exemplifica o momento da transição capilar, conhecido como “scab hair”.

Imagem 1: Scab Hair



Fonte: Internet⁸

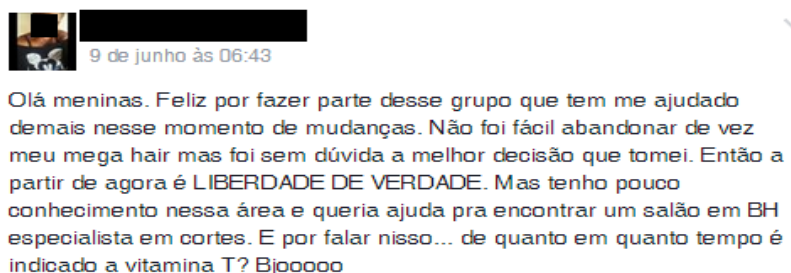
O “Scab hair” é a parte do cabelo que nasce após um longo período sem o uso de produtos químicos. Ele é considerado a parte danificada do cabelo que precisa de cuidados especiais e parte do processo mais delicado para mulheres, como se nota no comentário acima.

Cortar os cabelos rentes à raiz é uma decisão, para muitas, tida como radical e de muita coragem. Devido a uma aceitação estética, uma vez que os cabelos curtos nem sempre são considerados simpaticantes e femininos, a maioria opta por não cortar e espera a parte do cabelo natural crescer para fazer isso. Porém, existem algumas mulheres que preferem raspar os cabelos retirando toda a química existente como forma de não passar pelo *scab hair*. Então, nomeiam de BC, *Big Chop* (Grande Corte) o processo de cortar todo o comprimento do cabelo com química.

Nos grupos e/ou comunidades no *Facebook* são relatadas experiências das mulheres negras que passaram ou ainda passam por esses processos. São vários os depoimentos que explicitam as mudanças ocorridas em suas vidas, principalmente quando o assunto é autoestima. As imagens, a seguir, ilustram o discurso quanto à decisão de aceitar o cabelo crespo natural.

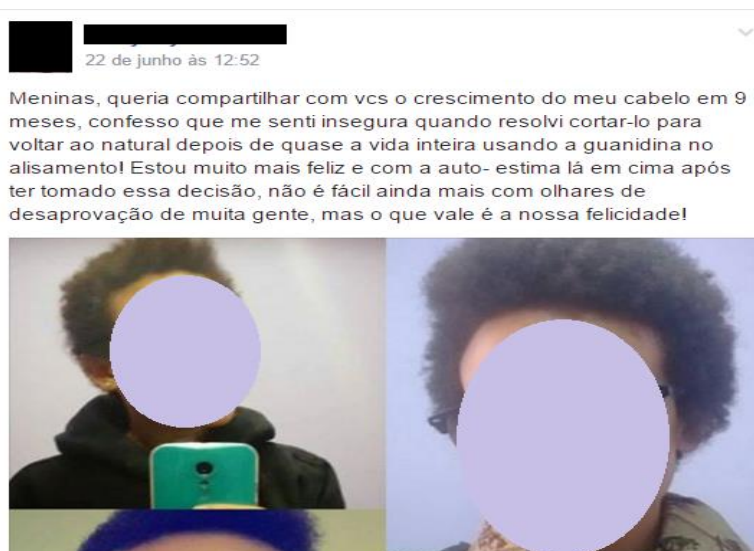
⁸ Disponível em: <http://zip.net/bktpqf>.

Imagem 2: Big Chop 1



Fonte: Internet⁹

Imagem 3: Big Chop 2



Fonte: Postagem retirada da página crespas e cacheadas de BH¹⁰.

Nos comentários é possível identificar alguns símbolos relacionados com autoestima e o preconceito quanto à ação de assumir o cabelo crespo natural. No primeiro comentário, a expressão “Não foi fácil abandonar de vez meu mega *hair*” pode ser entendida como a dificuldade de desvincular de um padrão de beleza naturalizado na vida da mulher, algo transmitido de geração para geração. No segundo comentário, esse fato é descrito na frase “confesso que me senti insegura quando resolvi cortá-lo para voltar ao natural”. Esta frase expõe um conflito interno, que mistura os âmbitos psicológicos e estético, associado ao desejo de aceitar suas

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1384467988494427/?em=1>.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1384467988494427/?em=1>>.

características enquanto mulher negra e desaprovação da sociedade como um todo. Fato este manifestado na expressão “não é fácil ainda mais com os olhares de desaprovação de muita gente”.

Entretanto, há um ponto em comum na fala das mulheres quanto à descrição do sentimento após cortar e assumir os crespos. Nas expressões “Então a partir de agora é LIBERDADE DE VERDADE” e “Estou muito feliz e com a autoestima lá em cima” revelam não apenas que estão satisfeitas com o resultado, mas que a contribuição do compartilhar com as demais integrantes do grupo foi fundamental para o êxito desse processo.

Tanto é que no início de cada comentário as participantes pontuaram de imediato o benefício dessa ação que podemos descrever como coletiva. A ajuda coletiva prossegue por outras etapas que envolvem o processo de transição, como o *Scab hair* (mencionado acima) e o fator encolhimento, por exemplo.

Observamos, também, que o fator encolhimento dos fios é um desafio após a etapa do BC. O fator encolhimento é característico do cabelo cacheado e crespo e faz com que ele pareça estar curto, sendo que o objetivo, além de assumir o cabelo natural, é ter os cabelos longos. Esse desejo ocasiona o retorno do uso de produtos químicos para relaxar e soltar os cachos, uma maneira de tê-los em um comprimento maior. Isto pode ser visto pelos comentários sobre a postagem que retrata o fator encolhimento.

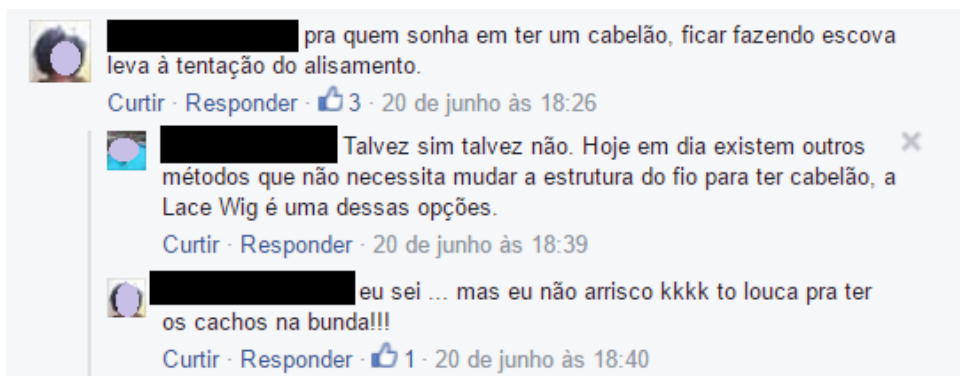
Imagem 4: Fator encolhimento



Fonte: Postagem retirada da comunidade Meu cabelo tipo¹¹

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/meucabelotipo4/?em=1>>.

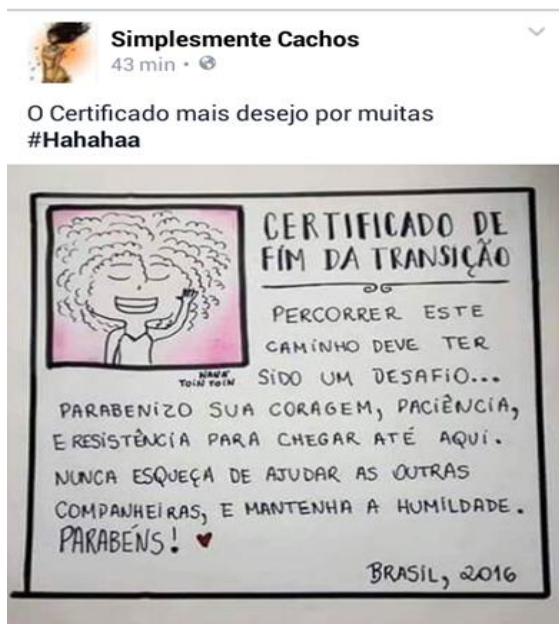
Imagem 5: Comentários sobre o Fator Encolhimento



Fonte: Postagem retirada da comunidade Meu cabelo tipo 4.¹²

O retorno ao uso de produtos químicos para aumentar o comprimento dos cabelos, é evitado pelo compartilhamento de experiências nos fóruns dos grupos e comunidades. Receitas de hidratação capilar, tipos de penteados, indicação de cremes para pentear, *shampoo* e condicionadores são exemplos de apoio coletivo. A preocupação nessa fase é tão marcante que até um certificado foi criado. Apesar de uma brincadeira, é uma forma de tornar mais amena a aceitação do cabelo natural.

Imagem 6: Certificado de Fim da Transição.



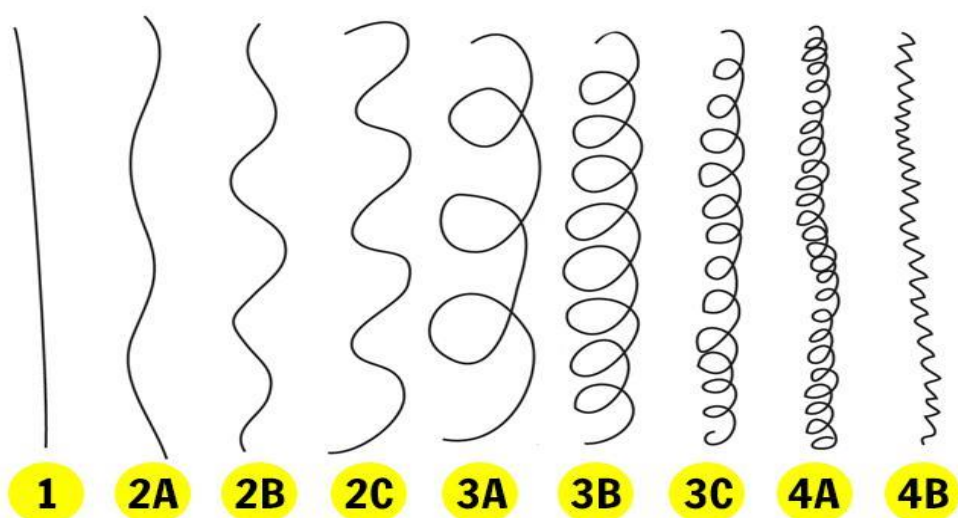
Fonte: Postagem retirada da comunidade Simplesmente Cachos

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/meucabelotipo4/?em=1>>.

Uma ação que potencializa às grandes marcas de cosméticos, pois veem surgir nos fóruns um público até então ignorado pelo padrão estético de beleza.

Utilizando a codificação para classificar os tipos de cabelos crespos e, assim, saber a maneira de tratá-los, algumas marcas de cosméticos começam a criar produtos específicos que auxiliem no cuidado diário, como mostra a imagem a seguir.

Imagem 7: Tipos de Curvatura de cabelos Ondulados / Crespos - 01



Fonte: Internet¹³

Com o surgimento dos produtos específicos para o cabelo crespo, a visibilidade das adjetivações discriminatórias tornou-se alvo de descontentamentos. Como observado nas publicações, algumas marcas que mantiveram essa postura foram trocadas por outras. Houve aquelas que identificando tal descontentamento reformularam os textos descritos no verso das embalagens que indicam a que público o produto é destinado. A imagem abaixo elucida um desses produtos que utilizam as codificações de cabelos crespos para formularem e venderem seus produtos.

¹³ Disponível em: <<http://www.gosteieagora.com/2014/05/tipos-de-cabelo/>>.

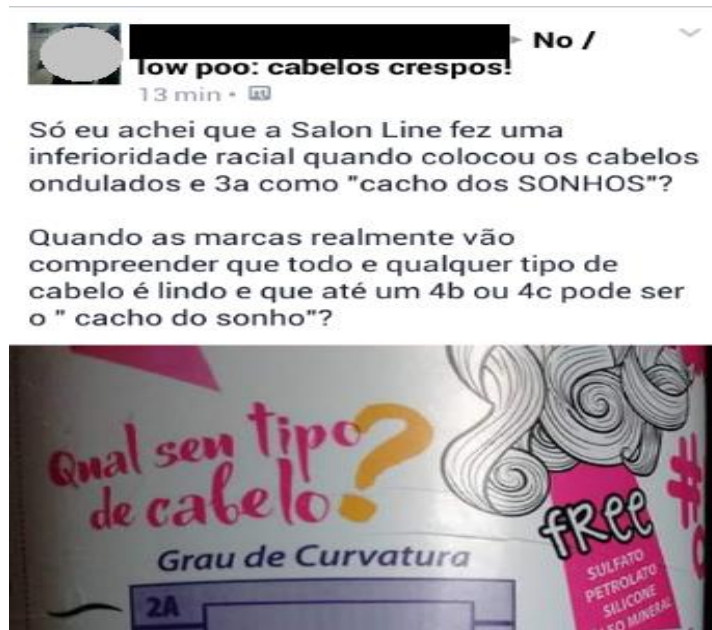
Imagem 8: Tipos de Curvatura de cabelos Ondulados / Crespos - 02



Fonte: Internet¹⁴

Juntamente com a ampliação de cosméticos para o cabelo crespo surgem às insatisfações quanto às nomenclaturas e adjetivações pejorativas conforme o comentário abaixo.

Imagem 9: Classificação do Cabelo



Fonte: Postagem retirada da comunidade No/Low poo: Cabelos Crespos

Outro exemplo é da marca Lola Cosmetics que trazia em sua descrição termos como cabelos indomáveis, tarja preta (nome do creme específico para cabelos

¹⁴ Disponível em: < <http://www.simboramaquiari.com/linha-todecacho-da-salon-line/> >.

danificados e “deprimidos”), Morte súbita, etc.

Imagem 10: Texto descritivo do produto Creme “Calmante” da marca Lola Cosmetics



Fonte: Arquivo pessoal

A foto retrata o que acabou ser narrado quanto às descrições dos produtos. O texto refere-se ao creme “calmante”, para definição dos cachos, da Lola Cosmetics. Como se pode identificar, do texto descritivo foram retirados adjetivos depreciativos quanto às características dos cabelos crespos.

Levando em consideração esses aspectos podemos perceber que as práticas discriminatórias andam ao lado do processo de reconstrução identitária dessas mulheres. O silêncio que perdurou por longos anos da escrevivência feminina negra é o resultado dos efeitos do racismo e preconceito.

Podemos afirmar que, em razão das imagens mostrarem o quanto o processo de aceitação pode ser tortuoso na vida de uma pessoa, inferiu-se por meio desses a importância da troca de experiências coletivas no âmbito particular. Permitindo, aos poucos, a oportunidade de cada uma desconstruir os resquícios do efeito do racismo e preconceito naturalizados na subjetividade das mulheres negras.

Em síntese, todos os aspectos expostos conduzem a identificar uma relação, ou até mesmo, um processo que oscila entre a rejeição, aceitação e ressignificação do ser mulher negra, tendo o cabelo crespo como símbolo.

Por conseguinte, e com o intuito de desacelerar as tentativas racistas de paralisar o processo de aceitação do cabelo crespo foi que o termo empoderamento ganhou espaço. É pela ressignificação desse termo que as mulheres negras usam-no como arma na luta de toda e qualquer forma discriminação.

3.2 Empoderamento

O termo empoderamento tem origem na palavra norte-americana *empowerment*, que possui o significado, no Brasil, de “dar poder” a alguém. Fazendo uma varredura por alguns *sites*, percebemos que ao empoderamento são atribuídos diversos sentidos e, na maioria das vezes, associado ao termo em inglês.

Entre tantas definições, o significado de empoderamento é concatenado as “descentralizações de poderes, as relações de poderes dentro da sociedade¹⁵” ou “parte da ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permitem tomar decisões e participar ativamente da organização¹⁶”.

O uso exacerbado do termo empoderamento ganha força nos movimentos emancipatórios surgidos nos anos de 1960, nos Estados Unidos. Entre esses movimentos o mais conhecido é o Partido Panteras Negras, fundado em 1966, na cidade de Oakland, Califórnia. Segundo Chaves (2015), na perspectiva dos estudos afro-americanos, o partido estava vinculado “a um projeto de busca da unidade e do orgulho racial característico da negritude” (CHAVES, 2015, p. 359).

Mas é somente na década de 1970 que o empoderamento é associado aos processos de desenvolvimento, centrando sua atenção na relação entre poder e pobreza. É com esta concepção, desenvolvimento e combate à pobreza, que o termo chega ao Brasil, e é apropriado pelas ONGs, movimentos sociais e organizações financeiras. Isto porque o Brasil possui o maior índice de desigualdade do mundo, causa da pobreza e exclusão social (ROMANO, 2002). Ao acreditar que dar poder à população menos favorecida oportuniza a conquista de direitos de cidadania. Desse modo, o empoderamento é tido como um processo de conquista de direitos à cidadania possibilitando o indivíduo atuar com responsabilidade no espaço público na defesa de seus direitos.

¹⁵ Resultado da consulta feita no site <http://www.significados.com.br/empowerment/>

¹⁶ Resultado da consulta feita no site <http://zip.net/blttGx>

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas - política, econômica, cultural, psicológica, entre outras (HOROCHOVSKI, 2007, p. 486).

Ainda convém lembrar que a negligência dos governos diante das precariedades de questões sociais impulsiona e fortalece a apropriação do termo pelas ONGs, movimentos sociais e agências financeiras, como as multilaterais e bilaterais.

Por outro lado, é importante atentarmos para os sentidos outorgados ao empoderamento, seja ele em âmbito particular ou governamental. Pois essas medidas podem funcionar de maneira a não proporcionar um diálogo transformador e reflexivo ao indivíduo ou grupo.

Já sabemos que o empoderamento, do ponto de vista do *empowerment*, é associado ao sentido de emancipação, quando relacionado aos movimentos sociais. Em contrapartida, quando ele chega ao Brasil, na década de 1970, o país passava por um processo de exceção, de rompimento democrático, conhecido como Ditadura Militar. Fato este que se contradiz ao seu caráter emancipatório, visto que o regime militar não garantia e nem zelava pelos direitos humanos, e utilizava de vários meios para silenciar seus opositores. Em suma, essa é uma possibilidade que venha justificar a marca assistencialista do termo empoderamento.

Analisado a concepção do sentido de empoderamento na ótica do movimento feminino negro identificamos duas vertentes. Uma delas é a perspectiva da equidade, que segundo Ribeiro (2015) se traduz na forma como a pessoa faz para fortalecer outras mulheres e, assim, promover uma sociedade mais justa. Para a autora, o empoderamento assume um sentido coletivo, e não individual, ao impulsionar uma atuação feminina mais ativa e transformadora em nossa sociedade. O que significa dizer que

o empoderamento não pode ser algo auto centrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras. (RIBEIRO, 2015, s/p).

A segunda vertente diz respeito à autoestima da mulher negra que resvala na aceitação da corporeidade negra. O uso constante de produtos químicos para alisar os cabelos representa uma violência simbólica associada ao estereótipo de beleza padrão. Por isso atentamos para as discussões que envolvem a ação de aceitar o cabelo crespo natural, uma vez que não é um processo simples devido às intervenções socioculturais que estruturam o conceito de beleza e negam o que está posto à margem dessas concepções.

3.3 Empoderamento: um conceito polissêmico

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do conceito de empoderamento. Os fóruns dos grupos e comunidades de *Facebook*, que retratam temas relacionados com a corporeidade negra, são exemplos dessa discussão.

Em um breve estudo historiográfico, as autoras Ckagnazaroff e Machado (2008) expõem que o conceito de empoderamento pode variar de acordo com o contexto em que ele se insere e, assim, obter diversos significados. Pelo fato de originar-se da relação entre poder e pobreza, as autoras observam que o conceito de empoderamento está vinculado a dois vieses, ou seja, ao poder e a ser relacional.

Associado ao poder, o empoderamento constitui-se na capacidade que um indivíduo tem de ter controle de algo ou alguém. Na perspectiva relacional, compõe-se de uma rede de relações sociais entre pessoas com um grau de liberdade. Sendo assim, o empoderamento abrange três grandes áreas, ação, relação e acesso. Exemplificando melhor os termos,

o poder com maior confiança na capacidade pessoal para levar adiante algumas formas de ação; o poder como aumento das relações efetivas que as pessoas desprovidas de poder podem estabelecer com outras organizações; o poder como resultado da ampliação do acesso aos recursos econômicos, tais como crédito e insumos. (CKAGNAZAROFF, 2008, p.06).

Assim sendo, percebemos que o uso crescente do termo empoderamento vem desassociando de seu sentido central que é o combate à pobreza, além de ser compreendido enquanto categoria e não como parte de um processo.

Enquanto categoria, o empoderamento adquire uma característica neutral, que por sua vez, tecniciza os conflitos retirando-lhes sua identidade ideológica e política. Esta concepção não promove mudanças nos grupos sociais, pelo contrário, neutraliza os conflitos gerados pela relação de dominação com a possibilidade de tornarem-se sinônimos de um processo de mudança.

Como parte de um processo, o empoderamento associado às relações sociais entre pessoas com certo grau de liberdade, pode adquirir uma natureza infinita. E no desenvolvimento dessas relações sociais pode propiciar um processo de mudança impulsionado pelo exercício de poder, como o “poder para”, o “poder com” e o “poder de dentro”. De acordo com Romano (2002):

O poder não é só “poder sobre” recursos (físicos, humanos, financeiros) e ideias, crenças, valores e atitudes. É possível, e necessário, diferenciar outros tipos de exercício do poder. Por exemplo, o “poder para” fazer uma coisa (um poder generativo que cria possibilidades e ações); o “poder com” (que envolve um sentido de que o todo é maior que as partes, especialmente quando um grupo enfrenta os problemas de maneira conjunta, por exemplo, homens e mulheres questionando as relações de gênero); e o “poder de dentro”, isto é, a força espiritual que reside em cada um de nós, base da autoaceitação e do autorrespeito, e que significa o respeito e a aceitação dos outros como iguais. (ROMANO, 2002, p.14).

Essas grandes áreas de exercício do poder dialogam, em parte, com o pensamento de Paulo Freire (2015), à medida que o uso do termo empoderamento seja acompanhado da ação, reflexão e a problematização do ser com o outro na construção de um aprendizado pautado na criticidade. Sob o ponto de vista do autor a prática problematizadora “propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham”. (FREIRE, 2015, p. 103-104).

3.4 Do empoderamento à emancipação

Paulo Freire (2015), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, discute sobre como a relação entre opressor e oprimido acontece e quais são os passos que o indivíduo precisa dar para caminhar ao encontro da libertação. Assim, é preciso que o indivíduo tenha a capacidade de reconhecer-se enquanto oprimido para reconstruir-

se como sujeito inconcluso de maneira que ele consiga sair desse lugar, conscientizar-se e agir. Protagonizando numa ação consciente, ele conseguirá libertar a si e a seu opressor, numa equação em que resulta na prática libertadora. Portanto,

esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 2015, p.41).

Fato esse que se buscou identificar nos grupos e comunidades de *Facebook* quando se analisou os comentários das mulheres negras. Pois se vê diante de grupo oprimido socialmente, e juntas tentam, por meio de relatos de vida ou mensagens de incentivos, mudar uma realidade que a elas foi imposta. E é na tentativa de propor um desequilíbrio ao padrão de beleza estereotipado que elas procuram restaurar a humanidade e conquistar a liberdade.

E numa atividade que vai para além de receitas de hidratação capilar caseira, qual o melhor tipo de creme para um determinado tipo de cabelo crespo¹⁷, ou a forma mais adequada de pentear o cabelo natural, surge um discurso que se constitui a partir da troca de experiências que cada uma adquiriu ao aceitar e assumir o cabelo natural entre as mulheres negras integrantes/participantes dos grupos e/ou comunidades na rede social *Facebook*.

Dessa maneira, sem perceber, elas estão identificando as nuances que a opressão traz consigo para que, num âmbito coletivo e desnudo desses estereótipos racistas, se reconheçam como negras e iniciem o processo de empoderamento. A ilustração retirada da comunidade Pipa Azul traz duas imagens que propõem um debate sobre as nuances do racismo, preconceito e gênero. O que nos permite visualizar como se (re)constrói esse processo de empoderamento.

¹⁷ Dentro das codificações utilizadas por essas mulheres o cabelo natural crespo se subdivide em 3A, 3B, 3C, 4A, 4B e 4C, referentes às curvaturas dos fios.

Ilustração 01: Frases contra o racismo



Fonte: Imagens retiradas da comunidade Pipa Azul¹⁸.

Sendo assim, procuramos entender o empoderamento na perspectiva freireana em que o

processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos “conscientizando”, descobrindo brechas e ideologias; tal conscientização nos dá “poder” para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva à liberdade e à libertação. (GUARESCHI, 2016, p.148).

Ainda dentro desse processo que busca a libertação, Paulo Freire faz um alerta sobre o perigo de ter em nós o hospedeiro do opressor, pois “somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora” (FREIRE, 2015, p.43). Podemos exemplificar essa questão observando os grupos de *Facebook*, no momento em que as mulheres negras “empoderadas” iniciam um processo de descaracterização da mulher negra, caso ela não aceite usar o cabelo natural. Ou seja, aquelas mulheres negras que usam o cabelo escovado ou alisado quimicamente, são consideradas como “negras falsas” ou “negras sem consciência”. Neste sentido, a emancipação e o empoderamento deixam de existir para dar lugar à permanência e à manutenção da prática opressora, como se pode verificar nas ilustrações 02 e 03.

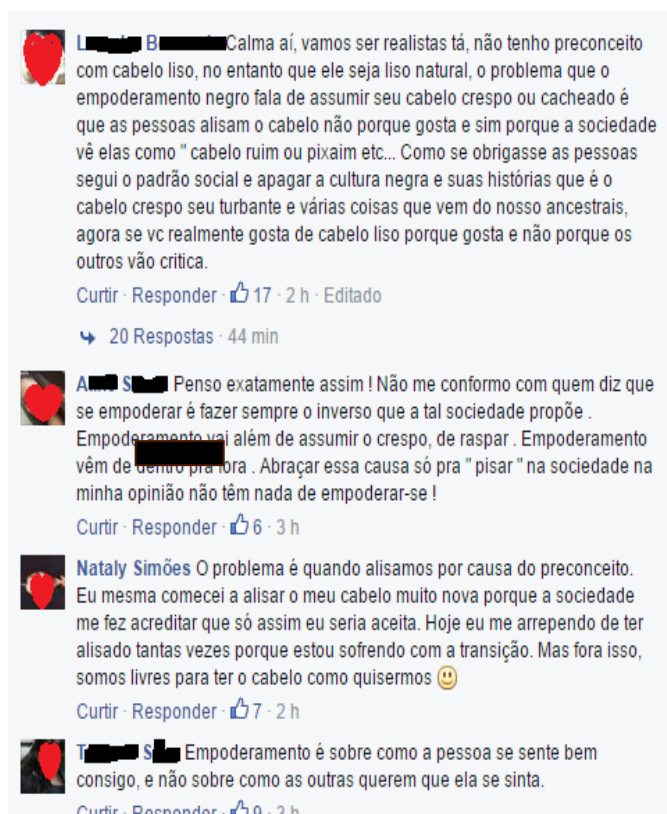
¹⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Pipa-Azul-710540165704236/photos>>.

Ilustração 02: Marcas do Empoderamento



Fonte: Postagem retirada da comunidade Pipa Azul. <http://zip.net/bdtjjz>

Ilustração 03: Comentários sobre empoderamento



Fonte: Comentários da postagem retirada da comunidade Pipa Azul¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <<http://zip.net/bdtjjz>>.

A prática dessas mulheres negras, nos grupos e comunidades de Facebook, consiste na relação homem-mundo. Dentro desta relação temos o aqui no seu agora, ou seja, há situações em que elas estão imersas problematizando uma mudança, outra em que estão emergidas quando, “empoderadas”, saem do encontro e luta com o outro para trilhar um caminho individual. Este caminho nem sempre visa uma libertação. E tem momentos que estão insertadas, quando tentam inserir, até mesmo impor ao outro sua verdade quanto sua concepção de ser mulher negra “empoderada”.

É o que se pode chamar de “jogo dos contrários”, a oscilação entre a permanência e a mudança, prevalecendo, em algumas vezes, a permanência.

Mas se dentro de sua historicidade revestirem de um empoderamento capaz de alterar/mudar a sua percepção como mulher negra, num sistema composto de códigos estereotipados quanto ao ideal estético feminino, e cientes do movimento das relações homem-mundo, elas passarem a se perceber sujeito de sua história, abrirá mão de um presente pré-dado e fatalístico para dar lugar à transformação.

Porém toda a relação de ser sendo, carrega consigo a complexidade entre ser mais e ser menos. Paulo Freire diz que “ninguém pode ser, automaticamente, proibindo que os outros sejam. Essa é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização” (FREIRE, 201, p. 105). Ou seja, sem a consciência da humanização dos homens e da busca em comunhão, o significado de empoderamento associado pelas integrantes dos grupos e comunidades de *Facebook* assume um caráter individualista e egoísta.

A pouca problematização do empoderamento e esta não ação, com a troca de experiências de vida, ao assumirem o cabelo natural, imobiliza o movimento de busca pela prática libertadora, ou seja, a libertação deixa de existir. Sendo assim, é preciso entender quais são os elementos constitutivos da palavra empoderamento, na perspectiva da libertação, uma vez que Freire afirma que a palavra se compõe pela ação e reflexão. Pois, o empoderamento revestido da ação pela ação, sem reflexão, nega à práxis. Assim, como sem a práxis resulta na alienação dos sujeitos.

A diversidade dos grupos e comunidades, de forma autônoma, assume para si a luta pelo seu direito a singularidade enquanto sujeito político. A heterogeneidade social resulta nas diversas formas de manifestações, assim como a pluralidade está

diretamente ligada as diversas formas de expressão. São questões postas pelas singularidades dos grupos e comunidades de *Facebook* que, por meio da autonomia, buscaram construir suas identidades.

Desse modo, a concepção do conceito de empoderamento adquire uma característica singular por ressignificar a corporeidade da mulher negra. O surgimento de novos grupos e comunidades voltados para as especificidades da corporeidade da mulher negra, ancorados na aceitação do cabelo crespo natural, pressupõe uma autonomia diante das fragmentações de temáticas dentro do movimento negro. Ou seja, da heterogeneidade do movimento negro emergem diversas formas de manifestações. Resultando na pluralidade associada às diversas formas de expressão.

Isto é, os grupos e comunidades voltados para a temática do cabelo crespo e empoderamento da mulher negra buscam construir suas identidades enquanto sujeitos políticos ao afirmarem-se como uma identidade singular.

O convívio, ou melhor, a interação das mulheres nos grupos e comunidades de *Facebook* resvala no surgimento de um novo sujeito. Um sujeito que se constitui a partir das trocas de experiências, das ações do indivíduo com e para o coletivo, e da autonomia na formação de grupos que se contrapõem a um ideal de beleza e da experiência em conhecer novos lugares, com os encontros presenciais, no exercício de uma politização elencada aos interesses das participantes.

Todas essas características demonstram ser um desdobramento da falta de representatividade dos problemas enfrentados por esses sujeitos. Afetando diretamente as empresas de cosméticos, salões de beleza e o mundo da moda que precisa se adequar aos novos discursos e práticas. Estas, por sua vez, reatam com esses novos sujeitos ampliando o mercado com uma variedade de produtos que facilite o dia a dia das mulheres negras no que diz respeito ao cuidado com seus cabelos.

O que faz inferir que existe um desenvolvimento de novas práticas e de uma politização do cotidiano motivados pela falta de representatividade. Ocasionalmente a construção de uma consciência de si ao organizarem-se para lutar por seus direitos. Ainda que diante desses fatos observados e analisados, é válido um questionamento de até que ponto os grupos e comunidades assumem um caráter de luta transformadora. Ou se é apenas uma luta pela reforma sem qualquer alteração

da estrutura sociocultural, sendo que esses conflitos e disputas fazem parte das forças capitalistas.

No entanto, por perceber uma processualidade histórica buscamos compreender o sujeito a partir de suas formas de resistir ao que está posto. O que permitiu perceber os significados atribuídos a elas, oriundos das escrevivências quanto às condições de vida e trabalho.

Sintetizando, identificamos que a troca de experiências no trato do cabelo, diariamente, resulta numa reflexão coletiva com base na releitura da própria condição de vida fazendo surgir uma visão crítica. Ao identificarem essas relações como problemas sociais estruturam uma ideia política capaz de estruturar e revelar as formas de resistência dessas mulheres. Tudo isso tecido pelas novas práticas de leitura e percepção de mundo.



4. ENTRE O SILÊNCIO E A VOZ DO PROTOGANISMO DA MULHER NEGRA: OS LETRAMENTOS DE EMPODERAMENTO

O objetivo deste capítulo é mostrar uma das várias maneiras encontrada pelas mulheres negras de relatar suas angustias e reivindicar seus direitos e como esta ação pode ser considerada como uma forma de letramento.

No capítulo anterior foi possível identificar os significados dos conceitos de Poder e Empoderamento no cotidiano da vida das mulheres negras. A escrevivência constituída pela troca de experiências na plataforma virtual obliterou todos os limites territoriais e resultou em um espaço de conhecimento e aprendizado. E o surgimento de uma nova concepção de empoderamento possibilitou um direcionamento para uma análise mais atenta quanto ao processo de ressignificação identitária da mulher negra, que trouxe como elemento específico à rede social *Facebook*; permitindo encurtar distâncias, dinamizar a circulação de informação, auxiliar, encorajar e abrir espaços que tem possibilitado o ecoar dessas vozes.

Em suma, o significado do empoderamento feminino negro apropriado nesta pesquisa se constitui de uma ressignificação e reflexão quanto à corporeidade negra, trazendo como carro chefe o uso e aceitação do cabelo crespo natural. Um empoderamento que propriamente não dá poder ao outro, mas viabiliza que este sujeito tenha espaço e capacidade de se expressar ao compartilhar suas angústias e experiências. Um conceito vinculado à capacidade de problematizar o que está posto mediante aos estereótipos imputados ao ser mulher negra e ao uso do cabelo crespo natural.

O empoderamento a que se refere, é um processo de tomada de consciência do sujeito mulher tendo como especificidade a condição racial, que se difere do empoderamento negro abrangendo também os homens negros. Esse processo caracterizou-se pelo conflito existente entre o emudecer e o protagonismo da mulher negra, possuindo como embate os limites estabelecidos não apenas pela sociedade como um todo, mas, até mesmo, pelas conjecturas concebidas pelo empoderamento negro. Ainda que se trate da questão racial esse movimento ampliado não contempla as necessidades e lutas das mulheres negras em sua especificidade.

Essa concepção de empoderamento feminino negro que se trouxe para a pesquisa transcende as fronteiras estabelecidas pelo ato e/ou ação de uma mulher

negra empoderar a outra. Assim, procuramos chamar a atenção para a autoafirmação a partir do conhecimento e aprendizado adquiridos pela prática em coletivo, ao originar o protagonismo da voz da mulher negra, convertendo-se num processo de emancipação. Importante afirmar que isso só será viável se o indivíduo for capaz de assumir os riscos de uma transformação ao trilhar um caminho ao encontro da libertação.

Em Spivack (2010) encontramos a contestação do atuar e protagonizar da mulher negra quanto à concessão do poder de fala e até que ponto essa permissão é conferida a ela. Será que este sujeito é capaz de assumir esta voz? Será que a sociedade como um todo está pronta para ouvi-la? O ecoar dessa voz, silenciada por muitos anos, conseguirá ultrapassar os empecilhos de uma sociedade dita branca? E como será possível romper com a mudez e/ou com o silenciamento femininos negros? São essas problematizações que, iniciadas com a afirmação da corporeidade negra, serão capazes de deslocar o sujeito de uma posição confortável, ou melhor dizendo, da conformidade racial. Uma etapa que desfruta do processo que envolve a ressignificação identitária, isto por desestabilizar o indivíduo da categoria de sujeito concreto que carrega consigo a concepção de negação do direito de ser como referência de mundo. Ainda que esse sujeito se entenda como oprimido e impossibilitado de fazer-se ouvir, se ele não propuser e assumir os riscos da transformação, não alcançará a tão almejada libertação como forma de empoderamento.

Para facilitar o entendimento quanto à concepção de empoderamento que se construiu na pesquisa, chamamos para a conversa Shor e Freire (1986). Esses autores, em um diálogo sobre o cotidiano do professor e outros assuntos relacionados com a educação, debatem sobre o “método dialógico” e o “*Empowerment*”. No capítulo “O que é “Método Dialógico” de Ensino? O que é uma “Pedagogia Situada” e “*Empowerment*?””, eles trazem como ideias principais três vertentes de um diálogo libertador, duas concepções características do conhecimento e que o *empowerment* não é algo pronto, finito.

Shor e Freire (1986) adicionam ao diálogo libertador as vertentes: conhecimento, mudança e comunicação. Dessas vertentes eles caracterizam o conhecimento, dentro do diálogo, como redescoberta e contestação e, também, um objeto a ser conhecido pelos dois sujeitos cognitivos, professor e aluno. E o

empowerment nessa perspectiva é um processo que caminha para além da mudança ao adquirir a função de transformador.

Um processo que envolve a importância do diálogo na ótica da emancipação e como ele pode comprometer a aquisição de conhecimento e transformação do sujeito. Segundo esses autores, o diálogo não é mero verbalismo ou um jogo de pingue-pongue de palavras, é algo que vai além da comunicação literária. O diálogo é uma espécie de postura necessária para os seres humanos transformarem-se em seres criticamente comunicativos. É o resultado da soma entre comunicação e transformação, que produz a capacidade de saber que sabemos. Uma forma de viabilizar o atuar crítico para transformar a realidade. Em outras palavras “o diálogo libertador é uma comunicação democrática, que invalida a dominação e reduz a obscuridade, ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer sua cultura” (SHOR, 1986, p. 123).

A comunicação, conhecimento e mudança são vertentes inseridas no diálogo e possuem um aspecto individual que não é suficiente para explicar o processo, pois o conhecimento é um evento social ainda que com dimensões individuais. O diálogo no momento de comunicação, conhecimento e mudança sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, que poderão atuar criticamente para transformar a realidade. Dessa forma,

isto significa que todo conhecimento novo surge quando outro conhecimento se torna velho e não mais responde às perguntas que estão sendo feitas. Por causa disso, cada conhecimento novo, ao surgir, espera sua própria vez de ser ultrapassado pelo próximo conhecimento novo, o que é inevitável. (SHOR, 1986, p. 126).

Sendo assim, o conhecimento no diálogo não é posse exclusiva do professor que concede conhecimento ao aluno e nem, no caso, de concessão de poder ao outro. Ele é objeto a ser conhecido, que media os dois sujeitos cognitivos, professor e aluno. Fazendo uma comparação, temos de um lado o método socrático, produtor de um conhecimento fixado, e do outro o diálogo libertador, representando o conhecimento contestado e redescoberto.

O método expositivo coloca o professor como uma autoridade que transfere conhecimento especializado aos alunos. O método socrático defende a posição de que a resposta certa já está na cabeça do professor e na cabeça dos alunos, e que o professor a revela à atenção dos alunos. (SHOR, 1986, p. 125, 126).

É neste sentido de transformação que entram as críticas quanto ao *Empowerment*, uma vez que este possui como ponto negativo a percepção de que ao se empoderar tudo está terminado, pronto. Assim, ele é tido como o caminho mais fácil, porém é uma ação capaz de arruinar todo o processo de libertação e transformação.

Mesmo quando você se sente, individualmente, *mais* livre, se esse sentimento não é um sentimento *social*, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do *empowerment* ou da liberdade. (SHOR, 1986, p. 135).

Uma argumentação que se esbarra com o tema discutido na pesquisa por contestar a concepção de empoderamento como uma categoria finita. Assim como o diálogo não se resume a um mero jogo de palavras, o empoderamento não termina quando a pessoa se diz empoderada. A concepção de *empowerment* requer a transformação, ou seja, é preciso ter em mente a necessidade e importância das três vertentes inclusas no diálogo, comunicação, conhecimento e mudança. E o conhecimento no processo de empoderamento feminino negro representa a redescoberta a partir da contestação da realidade. Já a comunicação dentro desse processo desvenda para o sujeito a sua capacidade de saber que se sabe, e, assim, viabilizar o atuar crítico do sujeito ao transformar sua realidade, ou seja, a mudança só ocorrerá com a prática transformadora.

Enquanto que o *empowerment* individual ou o *empowerment* de alguns alunos, ou a sensação de ter mudado, não é suficiente no que diz respeito à transformação da sociedade como um todo, é absolutamente necessário para o processo de transformação social. [...] O desenvolvimento crítico [...] é fundamental para a transformação radical da sociedade. Sua curiosidade, sua percepção crítica da realidade são fundamentais para a transformação social, mas não são, por si sós, suficientes. (SHOR, 1986, p. 135).

As observações nos grupos e comunidades de *Facebook* possibilitaram identificar um significado distinto do empoderamento feminino negro, constituído em quatro etapas; autoestima, perspectiva de equidade, tomada de consciência/ assumir os riscos da transformação e a emancipação/empoderamento. Nesse

momento, discorreremos sobre essas etapas abordando as especificidades encontradas mediante a observação em uma plataforma virtual.

A vertente que diz respeito à autoestima da mulher negra resvala na aceitação da corporeidade negra. O uso constante de produtos químicos para alisar os cabelos caracteriza uma violência simbólica associada ao estereótipo de beleza padrão, desejável, pautado em moldes eurocêntricos. Por isso atentamos para as discussões que envolvem a ação de aceitar o cabelo crespo natural, uma vez que não é um processo simples. Porque estão inclusas as intervenções socioculturais que estruturam o conceito de beleza e negam o que está posto à margem dessas concepções.

Para Gomes (2008) as motivações que levam negros e negras a alisarem os cabelos e as posturas políticas implícitas nesse processo possuem uma ambiguidade quanto à relação do negro brasileiro com o cabelo crespo, repercutindo em um conflito atribuído ao processo de construção identitária do sujeito.

A representatividade do cabelo crespo, desde ele natural até ao passo de ser alisado, adquire um sentido histórico sociocultural do negro e assume um papel emblemático e de referência. Segundo Gomes (2008), a textura crespa do cabelo natural está associada à beleza negra e, conseqüentemente, a valorização dessa raça. Em contrapartida, negar ao outro o direito de adotar penteados e estilos de cabelo diferente dos afros revela inflexibilidade e intransigência.

O processo de alisamento do cabelo crespo é fomentado pela insatisfação da mulher negra quanto à sua aparência e a “incansável tentativa de “melhorar a raça”” (GOMES, 2008, p. 178). Fato que exige uma análise mais detalhada, pois uma avaliação mais precipitada ou revestida de estereótipos nos distancia da complexidade da situação, como alerta a autora. Dessa maneira, a autoestima das mulheres negras quanto ao cabelo deve ser analisada a partir de dois níveis: o individual e o coletivo. No âmbito individual, verificamos a rejeição, o conflito de aceitação e ressignificação do corpo negro e do cabelo crespo. Já no nível coletivo, estão as ações que expressam “a construção de um comportamento social e demonstram um processo de criação e recriação do uso do corpo e do cabelo”. (GOMES, 2008, p. 179). Nessa perspectiva Gomes (2008, p. 179) afirma o seguinte:

Sabemos que as escolhas individuais são realizadas em determinado contexto que as influencia. Essas escolhas podem representar ou não opções políticas dos sujeitos, as quais nem sempre ocorrem da

maneira explícita como tradicionalmente somos acostumados a esperar. Na verdade o conteúdo político da relação do negro e da negra com o cabelo e com o corpo não pode ser visto simplesmente no tipo de penteado adotado nem somente na intervenção estética utilizada, mas na articulação desses com a localização do negro do contexto histórico, social, cultural e racial (Gomes, 2008, p. 179).

São reflexões inclusas no fazer político quanto às escolhas individuais e/ou coletivas esculpidas pelo contexto histórico do indivíduo. Pois a ação de alisar o cabelo crespo pode ser entendida de duas maneiras, a saber, como um comportamento social resultado da introjeção da opressão branca e também como parte “integrante de um estilo de o negro usar o cabelo” (GOMES, 2008, p. 179). Por isso, a autora chama a atenção para uma análise mais crítica sobre o uso de alisamento, porque o contrário só reforça e recria outras repressões raciais.

Assim acreditamos que “nenhum padrão estético é neutro” (GOMES, 2008, p. 181) pelo fato de ser uma adaptação, na maioria das vezes, a um comportamento decidido pelo externo, por exemplo, o ingresso no mercado de trabalho. Tudo isso associado às mudanças sociais, econômicas, culturais que ressignificam as identidades e comportamentos.

A autoestima no *Facebook* é trabalhada por meio de um jogo de frases que vão ganhando sentido ao entrar em contato com a vivência das participantes dos grupos e comunidades. Essas frases em forma de post ganham intensidade ao encorajar as participantes a seguirem em busca de seus objetivos, uma vez que cada frase é concebida a partir de uma ação preconceituosa e racista. Para tanto, optamos por selecionar três posts da página Pipa Azul que trazem frases de incentivos para as mulheres negras envolvidas no processo de aceitação do corpo e do cabelo crespo.

Imagem



Fonte: Internet²⁰

²⁰ Disponível em: <<http://zip.net/bctwTs>>. Acesso em 15/11/2016>.

Conforme se pode perceber, as ilustrações são acrescidas de frases que contradizem o senso comum e preconceituoso relacionados à corporeidade negra da mulher. E trazem uma contestação quanto ao uso do cabelo liso pelas negras, pelo fato de ser associado à negação da raça. A publicação, “Meu cabelo liso não me faz menos negra!”, não teve tantos comentários, porém, dos três posts, foi a que mais teve reações²¹ em forma de curtidas, foram um total de 8,6 mil. Veja a figura que se segue com as descrições da quantidade de reações:

Figura 2: Reações à publicação

Todas as 8,6 mil reações  7,3 mil  1,2 mil  20  10  3

Fonte: Internet. Disponível em: <http://zip.net/bftwMK>. Acesso em 15/11/2016

A perspectiva de equidade, segundo Ribeiro (2015), se traduz na forma como a pessoa faz para fortalecer outras mulheres e, assim, promover uma sociedade mais justa. Para essa autora, o empoderamento assume um sentido coletivo e não individual ao impulsionar uma atuação feminina mais ativa e transformadora em nossa sociedade. O que significa dizer que

o empoderamento não pode ser algo autocentrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras. (RIBEIRO, 2015, s/p).

Sob a ótica da perspectiva da equidade estão as estratégias de fortalecimento de outras mulheres a partir de uma ação individual. Quando as mulheres constroem sua autoestima a partir da aceitação de sua corporeidade negra, elas automaticamente influenciam outras mulheres. Pois sua atuação, a forma de enxergar o mundo e agir sobre ele muda e acaba por refletir o desejo de muitas mulheres. Ao fazer isso a mulher negra enfrenta uma batalha desconhecida, pois desde a infância à vida adulta

²¹ O botão Reactions (Reações) é acrescido ao botão curtir (Like) do Facebook. Ele permite que o usuário interaja de diversas maneiras nas publicações de amigos, páginas, grupos e comunidades. Os significados de cada reação são: “Amei” (Ideia de forte aprovação), “Haha” (Conteúdos engraçados, sarcásticos ou simples curti), “Uau” (Algo Surpreendente), “Triste” (Posts ruins ou nostálgicos) e “Grr” (Raiva, Não curti). Fonte: <http://zip.net/bbtwL9>. Acesso em 15/11/2016.

a maioria de nós não foi criada em ambientes nos quais aprendêssemos a considerar o nosso cabelo como sensual, ou bonito, em um estado não processado. Muitas de nós falamos de situações nas quais pessoas brancas pedem para tocar o nosso cabelo natural e demonstram grande surpresa quando percebem que a textura é suave ou agradável ao toque. (HOOKS, 2005, s/p).

Neste sentido a perspectiva da equidade, assim como o Empoderamento feminino negro, adquire um sinônimo de fortalecimento. É um processo de encorajamento mútuo que resulta num conflito entre o querer ser, o que se pode ser, e como poder ser o que se quer no jogo de combinações socioculturais que estabelece os códigos e padrões de um determinado grupo cultural. Em consequência disso, Hooks (2005) discute a importância de entendermos o processo de “anti-intimidade” introjetado nessa relação complexa e conflituosa. Esse processo se define pelo distanciamento da mulher negra do contato com seu próprio corpo, porque já foi dito inúmeras vezes na pesquisa aqui relatada, antes de se aceitar a mulher negra enfrenta uma nova dinâmica, o reconhecimento de sua corporeidade.

No *Facebook* essa etapa se caracteriza pela ação de compartilhamento de vídeos com penteados, tipos de produtos e suas características e relatos de algum tipo de racismo, discriminação ou preconceito sofrido. De postagem em postagem uma rede de fortalecimento vai criando corpo, auxiliando e incentivando àquelas que querem mudar, ou seja, aprender a se encontrar diante do espelho. Veja a figura que se segue, retirada do grupo “Meu Cabelo Tipo 04”, que ilustra o que se descreve.

Figura 3: Rede de Fortalecimento



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/meucabelotipo4/>. Acesso em 11/12/2016.

O ato de se reconhecer no espelho manifesta-se como um dos primeiros passos para a tomada de consciência e, assim, ter condições de assumir os riscos da transformação. Fala-se de transformação para além de um processo de dizer que é negra, e que aceita as especificidades de sua corporeidade, e sim da responsabilidade que essa ação provoca no sujeito e nos outros. Existe o risco de, ao ir buscar a transformação, acabar assumindo o lugar do opressor. Esse é um fato recorrente nos encontros presenciais e nos grupos e comunidades de *Facebook*. Quantas negras já foram hostilizadas e descaracterizadas pelas próprias negras por usar os cabelos alisados? Muitas!

Encontramos implícito na ação de assumir os riscos da transformação e libertação o sentimento de medo. Este, ao mesmo tempo em que nos coloca a pensar diante de uma situação, revela-se como inibidor de todo o processo que envolve o Empoderamento Feminino Negro. Porque se torna “embaraçoso admitir, publicamente, que o que bloqueia o caminho é *menos* a dificuldade de experimentar *per se* e *mais* o risco profissional e político que acompanha a oposição” (SHOR, 1986, p. 68).

Em Shor (1986), o lutar contra o medo é o mesmo que contestar o poder dominante uma vez que os medos concretos do sujeito advêm dos interesses desse grupo seletivo. Nas observações nos grupos e comunidades foi possível perceber o quanto é comum o compartilhamento de angústias das mulheres negras quanto a se apresentar com os cabelos crespos natural no ambiente de trabalho ou, até mesmo, na entrevista de emprego. Apesar do mercado de trabalho não ser o único espaço que recrimina e inibe essas mulheres, por sua característica econômica ele induz as mulheres a aceitarem tais regras por serem elas, em muitos casos, “chefe de famílias”.

Paulo Freire, em entrevista a Shor (1986), afirma que precisamos conhecer nossos medos, para que assim aprendamos a redefinir seus limites diante dos medos concretos. E não simplesmente negá-los, mas entender que

sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização. E o medo pode ser paralisante. Neste momento, estou

reconhecendo o direito de sentir medo. Entretanto, devo estabelecer os limites para “cultivar” o meu medo [...]. Cultivá-lo significa aceitá-lo. (SHOR, 1986, p. 70).

É devido a essas demandas que se entende o Empoderamento Feminino Negro como um processo e não como categoria. Será preciso passar por vários estágios até chegar à tomada de consciência quanto à escrevivências das mulheres negras. Lembrando que não para por aqui, o medo está associado diretamente com o processo de transformação, libertação e emancipação. Será no jogo de reconhecer e redefinir os limites do medo que viabilizará os primeiros passos que caminham para a transformação.

Sendo assim, o empoderamento pela ótica de nossa pesquisa assume o significado de fortalecimento. Ninguém vai empoderar ninguém, e não temos esse poder de conceder poder ao outro. A prática do uso dos cabelos lisos vem se caracterizando como uma ação de poder, um poder de se transformar quando e como quiser, sem perder sua negritude. Uma vez que essa ação pode ser considerada um costume comum de determinada cultura, algo que não deve ser descartado.

Entender o empoderamento como fortalecimento inclui transgredir as ações que tentam moldar e recolocar a mulher negra nos patamares que a tornam inferior a um padrão de beleza e social. O Empoderamento apresenta-se como resistência às manobras racistas e preconceituosas enraizadas em nossa sociedade, buscando recombina e renegociar os códigos socioculturais estabelecidos. Sendo de fundamental importância,

em uma cultura de dominação e anti-intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nos mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração. (HOOKS, 2005, s/p).

É nesta lógica que as redes sociais digitais ganham importância. Elas potencializam a ampliação da pauta relacionada às questões de gênero, tendo como recorte as mulheres negras. Pois o movimento feminista, por uma visão

interseccional, não explicita as especificidades da mulher negra. E por não ser contempladas, as mulheres negras fazem das redes sociais um espaço de ocupação. Ainda que não seja acessível a toda a população, a rede social incumbiu-se de difundir essas narrativas pouco exploradas ou tratadas com relevância. O aumento dos acessos às páginas dedicadas às temáticas do movimento feminino negro adquiriu novo contorno e protagonismo por fazer valer nossas necessidades e problematizar as práticas racistas, machistas e sexistas. Dialogando com Djalma Ribeiro em entrevista ao Afreaka,

de modo geral a mídia hegemônica ainda ignora nossas pautas e somos praticamente invisíveis. As redes sociais, *blogs*, *sites*, são lugares onde podemos existir, ampliar nosso discurso e disputar narrativas. Nesse sentido acredito que sejam espaços muito importantes que instrumentalizam a militância. (VIEIRA, 2016, s/p).

Levando em consideração esses aspectos percebemos que as redes sociais, e, especificamente, neste caso, o *Facebook*, tem aberto espaço de fala e escuta das especificidades da escrivência de ser mulher negra. E a consistência de uma rede de fortalecimento estabelecido pelas participantes dos grupos e comunidades de *Facebook* ressignificou o conceito de Empoderamento e agregou a ele as particularidades da corporeidade da mulher negra, trazendo como carro chefe as discussões que envolvem o uso e aceitação do cabelo crespo.

4.1 Os letramentos de empoderamento feminino negro

*Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado,
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade,
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramática (...).
Letramento é, sobretudo,
Um mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é
E de tudo que você pode ser.
(Kate M. Chong)*

A epígrafe expõe um conceito de letramento para além de uma prática singular, ela apresenta a pluralidade que compõe a caracterização dos letramentos. A multiplicidade do conceito de letramentos adquire vertentes variadas das práticas letradas, a diversidade cultural das populações e a semiótica de constituição de

textos por meio de informação e comunicação.

Soares (2002) esclarece que a pluralidade da palavra letramento justifica-se pelos

diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial. (SOARES, 2002, p. 156).

A autora aborda esta perspectiva devido ao conceito de Letramentos vir ganhando novas formas de acordo com contexto sociocultural em análise. Desfocando o letramento de uma relação única e restrita às práticas de leitura e escrita. Pois, segundo Soares (2002), muitos são os autores que definem o letramento como prática singular vinculada apenas à ação de escrita e leitura. Ainda que existam autores que deslocam o conceito de letramento a uma abordagem de aspectos sócio-históricos para a aprendizagem e aquisição da escrita em uma sociedade, eles não dão conta da multiplicidade das interações e negociações de determinada cultura. Ou seja, não se enfatiza o estado ou condição que as práticas sociais de leitura e escrita exercem sobre determinado grupo cultural. Diante desses fatos para fins da pesquisa aqui registrada, consideramos mais adequada a conceituação de Soares (2002, p. 145) “letramento é [...] o *estado* ou *condição* de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramentos”

Posto que os letramentos vão além da alfabetização, uma ação de ensinar a ler e escrever, assim, buscamos compreendê-lo como o processo que se estabelece nas relações entre o leitor e o texto, a participação e interação estabelecidas nos espaços de escrita, e nesse caso, no *Facebook*. Esta plataforma virtual é considerada nesta pesquisa como um espaço de escrita.

Os letramentos constituindo-se de novas práticas envolvem a garantia de um espaço de autoria e interação e a circulação de um discurso polifônico, todas essas resultantes da relação entre o ciberespaço e a cibercultura. Conquistas que se desvinculam do estreitamento com os avanços tecnológicos e relacionam-se com as novas mentalidades quanto aos letramentos digitais. Configurado pela mediação

entre a tela do computador e a ressignificação dos espaços digitais como locais de luta, resistência e reexistência.

O processo de identificação da mulher negra estimula o interesse e o desejo em saber mais sobre si, o que faz resultar na ressignificação da prática de leitura. A associação do universo da cibercultura e do ciberespaço recria uma nova relação com a escrita e leitura. E, nesse contexto, para Soares (2002)

a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo *estado* ou *condição* para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002, p. 152).

Isso faz com que haja uma reflexão quanto à possibilidade dos grupos e comunidades do *Facebook* serem os propulsores do incentivo à leitura e talvez até de uma consciência crítica da condição de ser no mundo e enfrentamentos mediante suas especificidades.

Na visão de Sousa (2011) os letramentos vão além das habilidades de ler e escrever. Os letramentos estão associados à cultura, aos modos específicos, às combinações e às práticas sociais existentes numa relação de poder e identidade. Dessa maneira, é exposto o caráter social e plural dos letramentos em diversas esferas trazendo à tona os múltiplos sentidos da linguagem.

Por isso a autora destaca que são letramentos, no plural, por considerar tantos os espaços formais e informais de aprendizado. Assim, os multiletramentos envolvem as “mídias orais, verbais, imagéticas, analógicas e digitais”, destacando as variáveis que são ignoradas como raça e gênero e a presença de conhecimentos não valorizados socialmente.

Em sua pesquisa, Souza (2011) identificou o *hip-hop* como uma “agência de letramentos” devido às diversas experiências educativas envolvidas nesse movimento que assumem um papel de “incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais das linguagens, os valores e intenções”, ou seja, letramentos de reexistência. Questões que foram identificadas nas observações dos grupos e comunidades, bem como na fala das entrevistadas. Colocando um contraponto sobre o fato do aprendizado em ambiente escolar não condizer com o que se

aprende no cotidiano, os letramentos de reexistência mostram-se múltiplos por sua complexidade social e histórica.

A reexistência é caracterizada pela tentativa de assumir e sustentar novos papéis e funções sociais nas comunidades de pertença e nas que estão em constante contato. As identidades sociais tidas como forma tensa e contraditória compõem o que Souza (2011) chama de “microrreexistências cotidianas” sinônimos das ressignificações da linguagem, fala, gestos, roupas, entre outros.

Os novos significados são parte de um processo de mudança pelo qual passam as diferentes culturas. Nesse sentido, a cultura negra não tem sido mais compreendida como algo estático e uno, imutável, dotada de essencialidade, mas sim como um sistema de significações em permanente mudança. (SOUZA, 2011, p. 50).

Culturas, identidades e entrecruzamentos na linguagem configuram-se como elementos estruturantes dos letramentos de reexistência. Os letramentos no *Hip-hop* movem o campo das “negociações, elaborações e reelaborações” (SOUZA, 2011, p.49-50) entre os sujeitos históricos, assim como as práticas que alicerçam o Empoderamento Feminino Negro. Estes se mantendo dentro das relações de poder reestruturam a cultura ao revelar que a cultura negra é um sistema de significações em constante mudança.

O conceito de letramentos de reexistência é capaz de explicar as relações de poder e de identidades que recobrem os processos de elaboração e reelaborações a partir das práticas de escrituras nos grupos e comunidades de *Facebook*. Como se pôde verificar nos capítulos anteriores, a participação nos grupos e comunidade de facebook está para além de uma simples troca de receitas, de modelos de penteados ou práticas racistas sofridas. A partir dessas trocas, elas ressignificam a relação de poder e construção de identidade desestabilizando as negociações sociais tidas como padrão. E o mais interessante, sem desassociar das relações de poder estabelecidas socialmente, tornando essa relação complexa e conflituosa. Talvez isso explique os conflitos e embates que ocorrem nas postagens e comentários nos grupos e comunidades.

Ainda que se tenha estabelecido que ao processo de empoderamento feminino negro na perspectiva de transformação, libertação e emancipação não cabe à visão superficial de concessão de poder ao outro, portanto, não se pode fechar os olhos para reelaboração identitária dessas mulheres sem romper com as relações de

poder. Isto porque existem “interpretações e reinterpretações, mais ou menos visíveis ou invisibilizadas por mecanismos diversos que informam um processo de hibridização” (SOUZA, 2011, p. 51).

Ao afirmar que o empoderamento feminino negro se caracteriza como uma forma de letramentos é possível destacar algumas vertentes que o constitui. Sendo elas a vertente da cultura participativa/colaborativa, percepção crítica, multiculturalidade, mescla conflituosa. Dessa forma, os letramentos de empoderamento negro feminino constituem-se de características que coloca em cheque e desafia a concretude teórica dos letramentos. Porque além de contemplar o estado ou condição de indivíduos ou grupo social, os letramentos de empoderamento feminino negro utilizam as mídias digitais e a simbologia do cabelo crespo natural como trajetória de vida e estilo político.

Como trajetória de vida, por tratar da intimidade do ambiente familiar e ao frequentar espaços sociais diferentes do meio familiar e de amizade. A escola, ao ocupar esse lugar, atua de maneira sutil, sem deixar explícitas as suas formas de preconceito. As “recomendações”, tais como a importância de manter os cabelos arrumados são demonstrações sutis de disciplinar o corpo negro. O estilo político está concatenado com o processo de luta e resistência, uma contestação do lugar de inferioridade a que o negro foi subjugado.

O cabelo “afro”, [...] foi considerado um estilo político pelo movimento de contestação dos negros desencadeado a partir da década de 60. Esse momento, ao atribuir ao cabelo crespo o lugar de beleza, representava simbolicamente a retirada do negro do lugar da inferioridade racial colocado pelo racismo (GOMES, 2008, p.193).

É neste momento em que as escritórias das mulheres negras como forma de fortalecimento, um processo característico do empoderamento, que as novas práticas de letramentos de reexistência ganham forma. Mais do que isso, constituem-se de uma singularidade que podemos afirmar, mediante as observações e entrevistas, que o empoderamento feminino negro pode ser caracterizado e entendido como um letramento. Um letramento que surge da condição de ser da mulher negra ao utilizar uma rede social digital como um espaço de escrita, de interação e político. Construindo uma rede de fortalecimento, ao levar a uma amplitude de participantes nos grupos e comunidades a possibilidade de um empoderamento crítico pela rede de fortalecimento de umas com as outras.



5. A INTERSEÇÃO DAS ENTRELINHAS

O objetivo deste capítulo é apresentar os resultados das observações na rede social *Facebook* e das entrevistas com as mulheres negras. Descreveremos aqui as análises dos dois ambientes pesquisados, a plataforma virtual e as entrevistas. Nosso intuito não foi dicotomizar os espaços, mas entender todo o processo advindo das relações sociais de cada um. Com isso será possível compreender a resultante que se constrói pela interseção desses ambientes, o que nos permitirá interligar o processo de aprendizado, o uso das tecnologias e a EJA.

5.1 Plataforma virtual – *Facebook*

O conceito de empoderamento retratado nas postagens e discussões nos fóruns das comunidades e grupos de *Facebook* possui o poder como sinônimo. Um poder associado à conquista de espaços e a aceitação da corporeidade negra feminina. O cabelo crespo natural tornou-se, então, símbolo dessa luta por resistir a uma padronização estética.

Analisando algumas postagens, comentários e, até mesmo, textos construídos por alguns grupos foi possível identificar algumas pistas que auxiliaram no entendimento da concepção do termo empoderamento apropriado e usado com muita frequência. Na postagem a seguir, fica bem evidente a associação do empoderamento como concessão, um ato de ter poder sobre algo, e de conferi-lo a alguém.

Imagem 11: Descrição de Empoderamento



Fonte: Postagem retirada da página Todecacho²².

A afirmativa “Empoderamento é ter poder” traz destacada a palavra poder e, logo em seguida, temos a frase “É poder ser o que quiser”. Nas duas afirmativas a palavra “poder” é encoberta pela ação individual, sem a problematização e reflexão dialógica do termo. A atomização do conceito de empoderamento, tendo como foco o indivíduo, é um risco por imputar ao termo uma noção finita.

Na emergência em conhecer, entender e saber para que serve tal conceito, foi publicado um texto, na página “Afrostream” com autoria de Victor Cantuaria, intitulado “Empoderamento negro, o que é isso?”²³

²² Disponível em: <<https://www.facebook.com/todecacho/?fref=nf>>.

²³ Texto completo na página do blog Afrostream:
<https://afrostream.wordpress.com/2016/05/29/empoderamento-negro-que-isso/>

Imagem 12: Texto sobre o conceito empoderamento

Afrostream
30 de maio · 🌐

Empoderamento negro, o que é isso?

Empoderar-se é passar por um processo de desintoxicação e desse jeito percebemos o que existe de ruim no sistema. Todavia o melhor dessa palavra não é só perceber as violências múltiplas que sofremos como um povo negro, no caso do empoderamento negro, mas também aprender a se respeitar como indivíduo percebendo sempre qual é o seu local na sociedade e o que precisa mudar ou afirmar para conseguir assim ter o seu papel de negro na sociedade, sendo negro e sem medo disso.

<https://afrostream.wordpress.com/.../empoderamento-negro-que-.../>



Empoderamento negro, que isso?

Olarrrr, hoje falaremos sobre o porquê é tão importante pensarmos e repensarmos sobre o que é o negro. Gosto bastante de algumas palavras, muitos dizem até que não consigo passar um dia sem falar ...

AFROSTREAM.WORDPRESS.COM

Fonte: Postagem retirada da página Afrostream²⁴

O texto situa o conceito na perspectiva negra descrevendo-o a partir de uma experiência pessoal marcada pelo preconceito racial. Como se pode verificar na seguinte passagem:

Imagem 13: Descrição sobre o que é empoderamento – 01

empoderar quer
dizer dar poder a alguém, logo essa palavra tem permeado minha vida de forma bem
pessoal, porque assumi a postura de que eu preciso viver em favor de um
reconhecimento individual afim de influir de forma positiva em outros indivíduos.

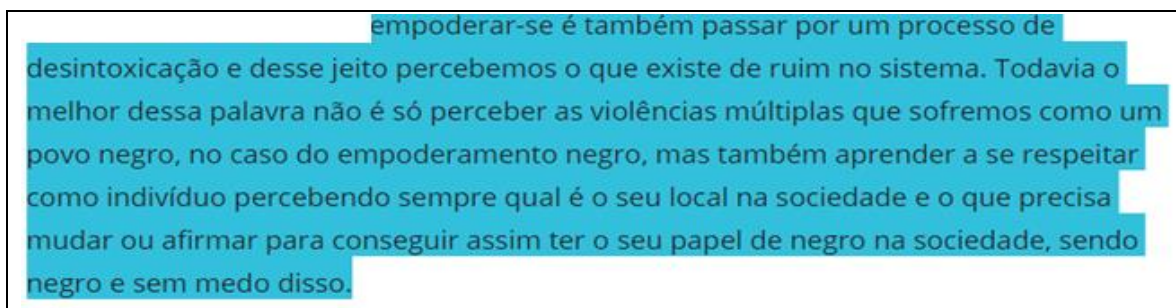
Fonte: Site:<https://afrostream.wordpress.com/2016/05/29/empoderamento-negro-que-isso/>

²⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/afrostream/?fref=ts>>.

Essa narrativa expõe o empoderamento como uma experiência de cunho individual, em que o sujeito rompe com os padrões estabelecidos à sua imagem e inicia um processo de aceitação e valorização como negra.

A palavra mudança, implícita na narrativa acima, aparece de forma visível no trecho abaixo:

Imagem 14: Descrição sobre o que é empoderamento - 02



empoderar-se é também passar por um processo de desintoxicação e desse jeito percebemos o que existe de ruim no sistema. Todavia o melhor dessa palavra não é só perceber as violências múltiplas que sofremos como um povo negro, no caso do empoderamento negro, mas também aprender a se respeitar como indivíduo percebendo sempre qual é o seu local na sociedade e o que precisa mudar ou afirmar para conseguir assim ter o seu papel de negro na sociedade, sendo negro e sem medo disso.

Fonte: Site: <https://afrostream.wordpress.com/2016/05/29/empoderamento-negro-que-isso/>

Novamente a palavra mudança é associada à palavra poder, sempre no sentido pessoal ou no de dar poder para alguém mudar. Em contrapartida, a narrativa esbarra no sentido relacional de poder, ou seja, uma relação entre pessoas com certo grau de liberdade. Mas é algo que para por aqui, pois não se aprofunda nem equaciona meios que oportunize um processo dialógico, reflexivo e problematizador que provoque mudanças em âmbito coletivo visando à emancipação do todo.

Nas falas e comentários é possível constatar um jogo contraditório da concepção da palavra empoderamento. Notamos que o termo “poder” é reapropriado cogitando um sentido emancipatório, entretanto o sentido de concessão é mais evidente.

Se pensarmos no empoderamento como parte de um processo, ainda assim, ele não é capaz de emancipar o sujeito. O empoderamento por si só não permite que o indivíduo seja capaz de localizar-se no mundo, nem de compreender as ações e implicações das relações de poder.

Ter poder sobre algo e/ou alguém significa empoderar para, então, conseguir empoderar o outro. É um processo que limita o indivíduo a se contentar com seu desprendimento do padrão estético imposto. Porém valem as perguntas para esse contexto, como por exemplo: Quais as situações em que empoderamento ganha

destaque? É o acesso a recursos (culturais, econômico e políticos)? Ou a transformação do sujeito para e com o coletivo? Ele desestabiliza as relações de poder ou exerce a dominação (sob a forma de coerção, simbologias e “contratos”)?

São perguntas que levam a crer que o significado atribuído ao conceito de empoderamento é de ordem antidualógica. Ainda que ocorram alguns debates nos fóruns e encontros, eles não propõem uma análise problematizadora e crítica. O discurso que envolve o termo transita em tomar partido, assumindo compromisso, pelos oprimidos e ao combate à naturalização ou institucionalização das práticas opressoras.

Para que o conceito empoderamento, na perspectiva da corporeidade negra, possuía um caráter dialógico e problematizado é indispensável o estudo das obras de Paulo Freire, entre elas a obra Pedagogia do Oprimido.

Nesta obra constou-se que a ausência do diálogo crítico e libertador, substituídos “pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da “domesticação” (FREIRE, 2015, p. 72).

Paulo Freire também descreve que a libertação é dos homens e não de coisas, contrapondo ao conceito de “ter poder sobre”. Para o autor, a reflexão crítica e a revolução inauguram um momento histórico como forma da razão consciente. Está instanciada na existência humana

não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 2015, p.108).

Ou seja, é na ação-reflexão dos sujeitos que o processo emancipatório acontece. Não será na discussão guerreira, polêmica ou na imposição do ser que se empodera. É preciso ter em mente que o empoderamento, sendo parte de um processo, não sugere a emancipação e nem liberta. O empoderamento, porém, pode ser entendido como processo de aceitação de si na tomada de consciência crítica das relações de poder. E, a partir do empoderamento, na ação reflexiva e crítica e na problematização que o indivíduo conseguirá emancipar com e para o

outro. É na ação coletiva, em que todos juntos buscam maneiras de desestabilizar as relações de poder, que se promoverá a mudança.

5.2 Entrevistas

Ao entrevistar duas mulheres negras integrantes de alguns grupos e comunidades de *Facebook* e que já passaram pela EJA, percebemos que existem encontros e divergências quanto ao conceito de empoderamento feminino negro utilizado nesses espaços. Os grupos e comunidades enfatizam a troca de experiências como soma para o empoderamento e as entrevistadas também compartilham da mesma opinião. Segundo elas o empoderamento parte da escrevivência, da troca de vivências e do apoio mútuo. É nesse convívio que elas iniciam um processo de reencontro consigo mesmas, uma vez que elas, na infância, não aprenderam a se valorizar, a se enxergarem no espelho, conforme o relato seguinte: *“Quando pequena eu não queria ser negra, eu via minha mãe sofrendo, minha tia, eu não queria isso, essa cor de pele...”* (Instalina, 47 anos).

Ainda com receio de assumir os riscos de uma transformação estética, pois assumir o cabelo crespo natural e, assim, encontrar com uma identidade negra custa muito diante de uma sociedade composta por estereótipos preconceituosos. Para ambas, essa ação não foi tranquila e simples, mas um processo, apesar de sofrido, de aprendizado. Elas ao reencontrarem e assumirem uma condição de mulher negra começaram a entender e caracterizar algumas práticas de seu convívio como racista. Sendo que antes de iniciarem este processo de empoderamento, essas práticas eram tidas como normais e, às vezes, justificadas como um dever que toda negra deveria ter e seguir. Em depoimento uma participante disse:

Eu tinha uma professora, graças a Deus não me lembro o nome. Ela **não tinha pasta e uma vez choveu e meu caderno ficou molhado. Ela** pegou meu caderno e jogou no lixo. Então ela disse: “Olhando isso aqui eu já vejo seu futuro” Você toda suja de carvão, um monte de menino no terreiro”... E ela falando... Eu lembro que olhava para os meus amigos e ninguém me socorreu. Ninguém falou ou... Sabe? (Instalina, 47 anos).

Diante dessa fala, acreditamos que esses eventos marcaram e, apesar de tanto tempo, podem ser propulsores dessa força que as encoraja a assumir os riscos da aceitação como negras. Uma delas, a Instalina, afirmou que o que a faz empoderada é carregar os sofrimentos causados pelo racismo e preconceito. Isso

incute entender como elas compreendem o conceito de empoderamento, e se elas se sentem empoderadas. As respostas revelaram uma divergência quanto ao conceito identificado nas observações feitas nos grupos e comunidades de *Facebook*, mesmo elas sendo integrantes desses espaços. Para as duas entrevistadas o conceito de empoderamento não se associa a concessão de poder, mas sim ao de fortalecimento, em que todas as mulheres são acolhidas, ouvidas e fortalecidas pelas vivências nos grupos e comunidades *online* e presencial. Convém ver o conceito que cada uma atribui ao Empoderamento Feminino Negro.

Eu entendo como aceitação. Não deixar ninguém pisar, humilhar. Acho que a mulher, nesse empoderamento,... acho que ela poderia ser tipo... Mais por aceitação mesmo, quebrar esse clima de discriminação, ser ela mesmo. (Mirtes, 17 anos).

A vivência! A liberdade também! Eu me sinto liberta por poder reclamar. Antes eu morria de medo de qualquer coisa [...]. E tem algumas pessoas que veem o Empoderamento só como beleza. Estou com o cabelo afro estou poderosa e não é só isso, tem outras questões. (Instalina, 47 anos).

Aceitação e vivência são as palavras que caracterizam o conceito do empoderamento feminino negro pelas falas das entrevistadas. As somas dessas palavras resultam na liberdade em ser o que desejam ser, livres do uso de produtos químicos, de serem aceitas em qualquer lugar. São caracterizações que habitam o campo do individual, pois estão falando de uma ação de suas próprias vidas, como se enxergam diante desse empoderamento. Em contrapartida, essa ação individual é resultado de processo que perpassa pelo âmbito do coletivo. É no coletivo, segundo as entrevistadas, que o fortalecimento para se assumir os riscos da mudança e/ou transformação acontece. É aí que ele toma a dimensão de atuar no coletivo. Veja a fala de uma das entrevistadas.

Na conversa, saber a história da outra para saber como você pode ajudar. Aqui no bairro tem várias histórias. Tinha uma menina que quando nos viu, falou que queria ter um *black* igual ao nosso [...]. Eu aprendi que o empoderamento,... que a gente não empodera ninguém. A gente se fortalece. A gente se empodera para fortalecer. (Instalina, 47 anos).

Encontramos nessa fala a desobrigação em ditar regras quanto ao uso do cabelo crespo natural, ou seja, uma desconstrução de que para ser uma mulher

negra com consciência de sua corporeidade está diretamente ligado ao uso do *black power*, por exemplo. A consciência de que o empoderamento é sinônimo de fortalecimento e a escrevivência de vida direcionam a entrevistada a considerar-se como uma mulher empoderada. E ser empoderada constitui-se de todas as dificuldades passadas desde sua infância até a fase adulta, ao falar sobre elas citam vários episódios pelos quais sofreram discriminação, preconceito e racismo. Mirtes, 17 anos não soube responder de maneira definida se é ou não uma mulher empoderada.

Sei lá, muitas vezes, a sociedade me desanima com isso e a comunidade também. Em certa parte, eu acho que sim e outra não. Sim, no momento em que estou livre e que feliz com as coisas que eu faço. Não, quando deixo de fazer o que eu faço. (Mirtes, 17 anos).

Mas quando perguntada sobre o significado do uso do cabelo crespo natural ela foi enfática em sua resposta dizendo que é resistência. *“Para você sair com o cabelo sarará para o alto tem que ter resistência. Porque na rua eles vão falar: Olha lá, nem penteou o cabelo! Essas coisas assim”.* (Mirtes, 17 anos).

Em análise foi possível identificar nas respostas, quanto ao uso do *Facebook* na EJA, como uma ferramenta positiva quanto ao processo de aceitação, fortalecimento e resistência coligado ao uso do cabelo crespo natural e a constituição do conceito de empoderamento. Tendo como ressalva a filtragem do tipo de informação, ele pode otimizar o ensino uma vez que nem todos os professores conseguem tempo dentro de suas aulas e, até mesmo, material para retratar temas que envolvem a vivência das educandas.

As entrevistadas afirmaram que das poucas vezes que tiveram uma discussão sobre temas relacionados à condição da mulher negra ou sobre o racismo, no geral foram iniciativas delas. A escola interferiu cedendo o espaço nos intervalos, ou seja, não houve espaço dentro das aulas para um diálogo sobre tais questões. E o desejo em dialogar sobre essas questões sobre racismo e a condição da mulher negra está diretamente relacionada às vivências dessas mulheres em espaços como os grupos e comunidades de *Facebook*, envolvimento com os movimentos negros e ao aprendizado adquirido no ProJovem (Programa Nacional de Inclusão do Jovem), no caso da Mirtes.

Uma contradição, porém, uma realidade do nosso sistema de ensino,

principalmente quando se fala da EJA. Uma modalidade precisa dar atenção ao aprendizado construído pelas educandas e, a partir disso, desconstruir para construir novos significados e aprendizados.

Levando em consideração esses aspectos, entendemos que existem duas percepções quanto ao conceito de empoderamento feminino negro que divergem. O que mais aproxima do conceito construído em nossa pesquisa é utilizado pelas entrevistadas por envolver três dimensões, aceitação, resistência e vivência. Convém lembrar que, mesmo no âmbito individual, essas dimensões compõem o processo que é o empoderamento feminino negro e trilham um caminho ao encontro do coletivo. Ainda que em passos lentos, o reconhecimento de que o empoderamento vai além de um padrão estético, ainda que ele seja ressaltando a beleza negra, e da concessão de poder ao outro nos faz refletir o quanto espaços como o *Facebook* podem contribuir para o processo de aprendizado ao longo da vida de um sujeito.



PRODUTO: Os letramentos de empoderamento e as novas tecnologias sociais na Educação de Jovens e Adultos

O desdobrar da pesquisa nos levou a pensar em uma ação que, com o auxílio das tecnologias, redes sociais digitais e os letramentos do empoderamento, pudesse contribuir para a formação humana dos educandos da EJA. Esta reflexão nos levou à construção de um curso de formação para graduandos e/ou professores já licenciados que tenham o desejo em trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) fazendo uso de mídias digitais como prática de docente.

Este curso que busca abordar temas como Letramentos, redes sociais, tecnologias digitais de informação e comunicação, relações étnico-raciais, apropriação e usos pedagógicos na EJA. São temas instigadores, ao mesmo tempo, contraditórios e caros ao se pensar a realidade dos professores, educandos e estrutura escolar da EJA. Usar as mídias digitais para materializar e/ou ilustrar o conteúdo de uma disciplina perpassa por indagações relacionadas à ausência de intimidade ou limitações dos professores com estas ferramentas. Ademais, referente ao recorte sociocultural dos educandos, a exclusão digital, por sua vez, marginaliza os professores periféricos ao negar o direito à informação, como o acesso a internet e o manuseio de seus derivados.

Ao longo da dissertação, ficaram explicitadas as várias formas de opressão às mulheres negras e também as estratégias utilizadas por elas para trocar experiências, aprender e conhecer mais sobre si, além de dinamizar o alcance dessas reflexões com o auxílio da internet e mídias digitais. O que resultou na concepção e exemplificação de como as mídias digitais podem estabelecer-se enquanto ambientes de conhecimento e aprendizado para a ampliação das dimensões dos letramentos digitais. Isso, mais uma vez, nos põe a pensar as mídias digitais como uma estrutura curricular ao tornar-se um ambiente de produção de conhecimento e aprendizado.

Ao ruminar sobre as questões que o curso de formação propõe, pensamos numa abordagem que conceba as redes sociais virtuais em ambientes de aprendizagens no combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo, tencionando um estudo sobre a cibercultura, a cultura colaborativa e a relação/interação, a partir da introdução de conceitos sobre a Educação de Jovens

e Adultos, como direito e breve Estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais e Proposta Político-Pedagógica da EJA, assim como reflexões e construção de material didático envolvendo o uso das Tics – Tecnologias da informação e comunicação.

Por entender que as Redes Sociais formam um ambiente virtual de conhecimento, baseado no pressuposto de que “cada usuário possui conhecimentos e, através da colaboração e comunicação, pode-se gerar um conhecimento do grupo que não pode ser atribuído a uma única pessoa” (GOMES, 2011, p.236); este curso busca fazer uso dessas ferramentas para potencializar o processo de ensino-aprendizado aos educandos da EJA.

Desta maneira, o curso se faz importante por formar profissionais capazes de atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em sistemas formais e não formais, utilizando os letramentos e tecnologias digitais como potencializadores no combate ao racismo e a constituição de uma identidade negra pelos educandos.

Objetivo Geral:

Colaborar com o fazer docente contribuindo para a construção de conhecimento em sala de aula por meio do *Facebook*, trabalhando empoderamento negro feminino.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a EJA como Modalidade de ensino;
- Identificar as principais dificuldades dos docentes com o uso das tecnologias digitais;
- Compreender a importância do uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem dos educandos da EJA;
- Apresentar os tipos de mídias digitais e a funcionalidade dos mais utilizados;
- Relacionar o uso da tecnologia no combate ao racismo;
- Conhecer as concepções do significado de letramentos;
- Identificar os tipos de letramentos constituídos pelas mídias digitais;
- Elaborar um produto de aplicabilidade envolvendo o uso das mídias digitais na EJA.

Objetivos Conceituais, Procedimentais e Atitudinais

Conceituais

- Reconhecer os desafios de trabalhar com as especificidades da EJA;
- Compreender a concepção do significado de Multiletramentos;
- Relacionar a amplitude conceitual das novas tecnologias à EJA e a valorização da cultura afro-brasileira.

Procedimentais

- Utilizar softwares livres como aporte pedagógico nas atividades em sala de aula;
- Construir uma proposta pedagógica que envolva o uso de tecnologias digitais;
- Relatar de forma crítica a experiência do uso de uma ou mais tecnologia digital trabalhada na disciplina.

Atitudinais

- Perceber e respeitar as especificidades que compõem a modalidade de ensino da EJA;
- Sensibilizar o olhar para as possibilidades de uso das tecnologias digitais a favor da Educação e combate ao racismo;
- Ter autonomia para construir materiais pedagógicos que venham potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O curso de formação foi elaborado para uma carga horária de 30 horas, podendo ser de duas ou quatro horas por encontro, três vezes na semana, Sendo que duas horas de curso refere-se a quinze encontros e para quatro horas diárias o total de oito.

O curso se organizou em dois módulos: um, trata das concepções de tecnologia e letramentos e outro está relacionado com as possibilidades de uso das tecnologias digitais na EJA, identificação dos tipos de letramentos e a compreensão do significado de Letramentos do Empoderamento Feminino Negro e sua articulação com a tecnologia no processo de ensino-aprendizado. O quadro abaixo explicita a organização de cada módulo do curso.

TECNOLOGIAS DIGITAIS	MÓDULO I - Carga horária: 15 HORAS
	Apresentação do Plano de Ensino e Cronograma de curso
	Exposição da Proposta Política Pedagógica da EJA.
	Sociedades Grafocêntricas
	Novas tecnologias Digitais
	Conceito e exemplos de multiletramentos
LEN, EJA e MÍDIAS DIGITAIS	MÓDULO II - Carga horária: 15 HORAS
	Formas de identificar os vários tipos de letramentos digitais.
	O que são os Letramentos de Empoderamento Negro (LEN).
	O uso dos LEN na abordagem de temas como raça, empoderamento e gênero a partir da tecnologia.
	Associação das novas tecnologias digitais com a EJA.
	Elaboração de uma proposta pedagógica envolvendo o uso das TIC's.

RECURSOS METODOLÓGICOS / DIDÁTICOS

O curso de formação fará uso de atividades colaborativas e cooperativas, seminários, elaboração de uma proposta de uso das mídias digitais para a EJA, frequência e presença nos encontros. A metodologia escolhida para a disciplina envolve a abordagem sociocultural. O uso desta abordagem resvala no intuito de não restringir o processo de ensino-aprendizagem às situações formais, resultando na construção de um conhecimento como transformação contínua que permitirá a conscientização reflexiva e crítica dos sujeitos envolvidos.

AValiação DA APRENDIZAGEM

A avaliação consistirá em princípios qualitativos e processuais, tendo como aporte a autoavaliação e avaliação mútua. As atividades serão realizadas nos encontros e em laboratórios de informática com datas programadas. Será avaliada a participação do educador nos seminários, leituras de textos, elaboração de uma proposta de uso das mídias digitais para a EJA, autoavaliação, avaliação mútua e relato de experiência a partir do uso de recursos digitais. A avaliação das atividades se estruturará nas dimensões conceituais do trato reflexivo e problematizador dos conteúdos, ao experimentar práticas de conhecimento, procedimental para o entendimento das relações e interações na perspectiva da valorização e respeito às diversidades e atitudinal na estruturação da concepção de ensino-aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CURSO

ANDRADE, Eliane Ribeiro de. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Orgs.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. v. 1.

ARROYO, Miguel G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania. Revista de Educação de Jovens e Adultos, n. 11, p. 09-20, abr. 2001a.

BRASÍLIA, Ministério da Educação: Cultura Digital. Série Cadernos Pedagógicos. Brasília, Ministério da Educação, 56p. BRASÍLIA, Ministério da Educação: Guia de tecnologias educacionais: da educação integral e integrada e da articulação da escola com seu território. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 55 p.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. Memórias e trajetórias de pedagog@s em formação: entre distâncias e abismos reais, virtuais e acadêmico-culturais. In: DINIZ, Margareth e Disciplina: Multiletramentos, tecnologias digitais e educação.

FUNDAÇÃO TEÉFÔNICA. Educação no século XXI: Multiletramentos. In: <http://www.ead.unb.br/arquivos/livros/multiletramentos.pdf> Acesso em 10 de julho de 2015.

JESUS, Rodrigo Ednilson. "Ponha-se em seu lugar": Juventude, relações raciais e ações afirmativas. Revista Pensar BH/ Política Social, p. 15-18, 1 maio 2009.

JORGE, Gláucia e CORRÊA, Hércules. Multiletramentos de alunos da ciência da computação da UFOP: possibilidades e práticas acadêmicas. In: MILL, Daniel. REALI, Aline. (Orgs) Educação a distância e tecnologias digitais: reflexões sobre sujeitos, contextos, saberes e processos. São Carlos: Editora da UFSCAR, 2014.

JORGE, Gláucia e MILL, Daniel. Sociedades grafocêntricas digitais e educação: sobre letramento, cognição e processos de inclusão na contemporaneidade. In: MILL, Daniel. Escritos sobre e

MACHADO, Joicemengue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. RENOTE, v. 3, n. 1, 2005.

*MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos. Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. PENESB: Rio de Janeiro, 2003.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 3 SHEPHERD, Tania G., SALIÉS, Tânia G. Linguística da internet. São Paulo: Contexto, 2013.

ROJO, Roxane e BARBOSA, Jaqueline P. (Orgs.) Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola, 2015.

STREET, Brian. Letramentos sociais. São Paulo: Parábola, 2014.

Referência Complementar

ABRAMO, Helena Wendel. Miriam (Coord.); CASTRO, Mary Garcia (Coord.). Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: UNESCO/INEP/Observatório de Violências nas Escolas, 2006a.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: UNESCO, 2003.

ALVES, Marco Antonio. A analítica do poder em Foucault e o ciberpoder: buscando ferramentas para se pensar os novos mecanismos de poder da era digital. In: <https://www.dropbox.com/s/r777aowrin3h051/A%20anal%C3%ADtica%20do%20poder%20em%20Foucault%20e%20o%20ciberpoder.doc?dl=0> Acesso em 20 de dezembro de 2014.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.) Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte, Autêntica: 2006. COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte, Autêntica, 2005. GEE, James Paul. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*.44:8, 2001.

RIBEIRO, Ana Elisa. Novas tecnologias para ler e escrever: algumas idéias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

ROJO, Roxane (Org). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Fabiano et al. (Orgs.) Mediação de leitura. Discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola



ALGUNS APONTAMENTOS

Neste capítulo tentaremos esmiuçar os resultados coletados e responder as hipóteses levantadas no início da pesquisa, não como forma de conclusão, mas, sim, como ponto de partida para uma reflexão quanto ao uso das escrituradas e o uso de mídias digitais.

As redes sociais com sua capacidade comunicativa propiciaram um ambiente de troca de experiências e suprimiram o espaço do silêncio naturalizado e institucionalizado pelo racismo. O ciberespaço proporcionou a expansão dos grupos e comunidades que retratam esse tema, e fez com que essas discussões tomassem grandes proporções.

Ao analisar a construção do conhecimento que se estrutura numa plataforma de rede social virtual, o *Facebook*, percebe-se que o processo de aprendizagem advém da troca de experiências entre as participantes. Isso faz com que surjam outros meios e formas de enfrentamento às práticas racistas que tentarem silenciá-las. E é a partir desse movimento que o uso do conceito empoderamento é apropriado.

A pesquisa buscou identificar e compreender o significado do conceito empoderamento utilizado pelas participantes dos grupos e comunidades no *Facebook*, mulheres, negras, educandas da EJA; e percebemos uma apropriação e uma contradição para o uso do termo.

Identifica-se, assim, que o sentido de empoderamento associa-se à aquisição de poder para conceder poder ao outro. Considerado como uma categoria, assume uma postura antidialógica que não favorece a emancipação do sujeito, pois, como se diz, é na ação reflexiva, problematizadora e consciente que o sujeito tem condições de libertar a si e de seu opressor.

observa-se, portanto, nas análises da plataforma virtual *Facebook*, que a predominância do conceito de empoderamento é a concessão de poder. Esta concessão é evidenciada pelos comentários. Alguns chegando a assumir uma forma agressiva na imposição de um padrão e, até mesmo, das regras quanto ao “dever” de ser uma mulher negra, consciente de sua corporeidade e tendo como

característica principal a individualidade e a postura antidialógica ao fazer menção à construção da identidade da mulher negra.

Em contrapartida, as entrevistadas mostraram outro lado do conceito de empoderamento, o coletivo. Em suas falas, pôde-se perceber que a escrevivência proporcionou um aprendizado que as levou a compreender o conceito de empoderamento como fortalecimento, no âmbito do coletivo. E nesse processo, aprenderam a ouvir e respeitar a história umas das outras, fazendo desse momento um estímulo para assumir um processo de mudança e/ou transformação; não apenas do corpo, mas da forma de enxergar a vida.

Assim, torna-se visível uma interseção entre as contradições que envolvem o conceito de empoderamento e o surgimento de uma nova concepção estruturada pela argumentação de ambas as partes. Compreendemos que esta interseção se constitui em uma rede de resistência e formação humana ao buscar ascender as condições de exclusão.

A autora Giovanetti (2011), ao abordar sua experiência com a EJA, contribui para a pesquisa, ao nos colocar para refletir sobre necessidade de entendermos os educandos como protagonistas de sua escrevivência e do uso de redes de sociabilização de resistência e humanização enquanto forma de superar a condição de exclusão. Esta pesquisa passa por este ponto, a partir da prática de um conjunto de mulheres negras que se encontram na rede social *Facebook*, com o objetivo de valorizar e indagar ações racistas, pensar as redes de socialização como letramentos. Tais processos de aprendizados contribuem para a formação humana tracejada nas propostas da EJA.

Pensar o uso das mídias digitais na atuação profissional da EJA potencializa a elaboração de uma proposta política pedagógica ao fornecer elementos que giram em torno da vivência, origem social e na intencionalidade da concepção de educação para os atores desta modalidade de ensino.

Giovanetti (2011) traz para a discussão sobre EJA três dimensões que sustentam a atuação do profissional: prática, teoria e intencionalidade. O fazer e o pensar são orientados pela intencionalidade que dá sentido a atuação do educador da EJA. Para tanto, nota-se a necessidade de sensibilizar o olhar para as marcas identitárias da EJA. Entre elas, a origem social do educando, que dimensiona o pertencimento deste sujeito ao território, e a concepção de educação que, pautada

na formação humana, inicia o processo de mudança social. Ambas resvalam no caráter emancipatório, libertador e transgressor da educação.

Para falar dos sujeitos da EJA, é preciso ter em mente a concepção de camada popular, que expressa toda vivência pautada no não atendimento às questões básicas de sobrevivência. Assim, conforme afirma Giovanetti (2011), permitindo enxergar que estamos em contato com jovens e adultos que não tiveram acesso e/ou permanência na escola, em idade de direito e, que agora, buscam resgatar o tempo perdido. Na verdade, o tempo que lhe foi roubado, ou seja, estamos diante de práticas que compõem o processo de exclusão social ao tencionar uma autoimagem pela falta ou negatividade. Fenômenos, estes, resultantes da desigualdade social que tornam inquestionáveis e naturalizam a inferioridade.

Entende-se a EJA como resgate de um tempo roubado e, por isso, faz-se importante pensar os alunos como sujeitos com trajetórias para além da vivência escolar, com trajetórias de vida e de condições sociais e culturais norteadas pela desigualdade. O reeducar do olhar docente para estas questões direcionam para práticas que podem superar a negatividade marcada pela carência, entendida aqui como postura preconceituosa. É preciso atentar para as redes de socialização de resistência e humanização, elaboradas por esses sujeitos com intuito de superar as condições de exclusão. Um viés que fornecerá elementos de compreensão da complexidade das relações sociais. Desta maneira, as questões-chaves que endossam esta análise são: o questionamento e a indignação ao promover a mudança social.

Por isso, entendemos o empoderamento como parte de um processo emancipatório, mas que, sozinho, promoverá apenas a permanência do preconceito. Em contrapartida, é pela lógica do empoderamento que muitas mulheres negras iniciam um processo de tomada de consciência.

Ao analisar o processo de aprendizagem construído nos grupos e comunidades, viu-se que a experiência e o conhecimento coletivo assumiram papéis importantes. Por eles, certificou-se que a aprendizagem extrapola os muros da escola, afirmando que os espaços informais também são capazes de produzir aprendizado, revelando que esse processo de aprendizagem e conhecimento é infinito e contínuo na vida das participantes.

Pelo ponto de vista da valorização do protagonismo da mulher negra e periférica, foi possível observar nos relatos que a desvalorização da experiência dos sujeitos da EJA interfere no processo de aprendizado e permanência destes nos espaços escolares. A marginalização da condição sociocultural dos educandos apresenta-se como um dos obstáculos que retira desses indivíduos o direito à educação. Nas falas das entrevistadas encontramos resquícios de uma educação compensatória, que ao incluir continuou a excluir o sujeito dentro do espaço escolar. É notável que na EJA, ainda que com atores empenhados em mudar tal realidade, a desvalorização da experiência do educando é nítida e presente. Os relatos apresentam como é a vivência em não ser ouvido e o desconforto em retornar para a escola e a encontrá-la nos mesmos moldes de décadas atrás.

A desvalorização da condição dos sujeitos da EJA resvala em situações que afetam o campo psicológico, resultando no afastamento/desistência (novamente) de muitos educandos. E por estar embasada na naturalização da inferioridade, a escola não problematiza essas evidências e nem se põe a pensar algo que parta dessas necessidades, carências e ausências dos educandos. Assim, grande parte da sociedade segue na confortável missão de nos apoiar na estigmatização marginal que engloba o educando da EJA.

Mas como pensar numa proposta, se de um lado temos a vivência de jovens demarcada pelo território e condição social e, do outro, um educador oprimido pela desvalorização da profissão? Cabe a todos os atores envolvidos o direito à escuta, somente expondo e dialogando conseguiremos traçar metodologias que atendam às ausências deste público. Para isso, é preciso pensar para além de um auxílio estatal. O engajamento com os movimentos constituídos por jovens e adultos permitirá uma ilustração de visibilidade e letramentos, ao incluir as demandas deste público.

Logo, percebe-se que, imbuído ao processo de empoderamento feminino negro, está o letramento de resistência e reexistência desse grupo, para envolvimento de experiências educativas na ação de ressignificar e assumir novos papéis a partir da reconstrução de uma identidade negra. Mais do que isso, conclui-se que o empoderamento feminino negro é um letramento, uma vez que ele traz como especificidade as necessidades da mulher negra transcendendo as situações de sofrimento e as transformando em estímulo para alterar uma realidade imposta.

Como é possível perceber, enquanto letramento, o empoderamento feminino negro institui uma nova experiência capaz de construir uma rede de fortalecimento, tecida pelo diálogo que se desloca de maneira lenta, porém firme ao encontro da libertação e da emancipação.

Isso só foi possível porque a pesquisa buscou enxergar os letramentos para além da perspectiva associada a canais e modo. Visão esta que gera o problema do determinismo ao desconsiderar as práticas sociais ligadas à construção, uso e significado dos letramentos mediante ao contexto observado.

Os Letramentos de Empoderamento Feminino Negro (LEFN) surgem, então, a partir das práticas sociais relacionadas ao uso e significado construído, ao servir-se da mídia social *Facebook*. Configurado como práticas de letramento, os LEFN representam uma tentativa de lidar com os eventos e atividades dos fóruns de discussão associados ao âmbito cultural da sociedade.

As entrevistas presenciais apresentaram as relações oriundas das discussões praticadas nos fóruns dos grupos e comunidades ao atribuir sentido aos eventos de letramento de empoderamento. Isso contribui para a Exposição do quanto o contexto cultural influencia nas práticas de letramentos de empoderamento e que, por isso, tem seu uso no plural e não no singular.

Por apontar aspectos que questionam a escola, como o processo de aprendizado em ambiente virtual e a formação de grupos de mulheres negras para resistir e reexistir às práticas racistas, a pesquisa nos coloca a pensar sobre a formação e o atuar docente, interligado com a cibercultura. As análises nos trouxeram a preocupação quanto a atuação de práticas pedagógicas que intensificam o produto ao invés do processo. Neste sentido, torna-se necessário repensar o papel do educador no âmbito da capacitação e formação diante das novas tecnologias e as novas formas de aprendizado que extrapolam os muros da escola.

A preocupação com este processo leva-nos a refletir sobre a transformação dos conhecimentos, advindos da pesquisa, para um curso de formação para graduandos ou professores que se sintam mobilizados a modificar suas práticas pedagógicas, incluindo elementos da cibercultura.

Então, propomos como produto um curso de formação para educadores com interesses em trabalhar a EJA, englobando a cibercultura como ferramenta capaz de

dinamizar e transformar o ensino ao constituir um aprendizado a partir das experiências dos educandos. Uma proposta que também parte do que o professor já faz para uma reconstrução do que pode ser feito; assim dialogaremos com o contexto social e político dos sujeitos da EJA.

Com tudo, a educação que dá sentido, e abre vez e voz para as necessidades de seus educandos, surge com o propósito de proporcionar um ambiente escolar que se adeque às necessidades desse público e seja capaz de fazer uso da experiência de vida de cada um para potencializar a construção do conhecimento. Porém, deve-se sempre estar atento para essa ideia não se transformar em uma educação bancária ou tecnicista, que nega ao sujeito o direito de ser.



REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2013.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2014.

ALVES, Mariana Gaio. Aprendizagem ao longo da vida: entre a novidade e a reprodução de velhas desigualdades. **Revista Portuguesa de Educação**. Lisboa, n.23, p. 7-28, 2010.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Escrita, Leitura, dialogicidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

CHAVES, Wanderson da Silva. O partido dos Panteras Negras. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 16, n.30, p. 359-364, Jan./Jun. 2015.

CKAGNAZAROFF, Ivan Beck. MACHADO, Mirian Lúcia Jácome. Empoderamento de mulheres: Avaliação de Impacto de uma ONG na região metropolitana de Belo Horizonte. **XXXII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro-RJ. p.1-16. Set/2008.

CONFINTEA VI – **Marco de Ação de Belém**. Brasília. Abr./2010.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro. MOREIRA, Maria Faia Rafal. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, v. 14, n.28, p. 168-187, Jan./Jun. 2014.

COSTA, Rosenilda Trindade. **Jovens negras em processo de escolarização na EJA**. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p.16-21.

FERREIRA. Ricardo Franklin. O Brasileiro, O Racismo silencioso e a Emancipação do Afro-Descendente. **Revista Psicologia & Sociedade**. v.14, n.1, p. 69-86, Jan./Jun. 2002.

FERREIRA, Gonçalo Costa. Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectiva em Ciências da Informação**, v. 16, n.3, p. 208-231, Jul./Set. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59. ed.rev. e atual - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Alex Sandro. Colaboração, comunicação e aprendizagem em rede social educativa. In: XAVIER, Antonio Carlos. **Hiertexto e cibercultura: links como literatura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan/jun/2003.

_____. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37-60.

_____. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte. 2. Ed. Autêntica, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In: STRECK, Danilo. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire, pg 147**. 3. Ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2016.

IBGE. O perfil da mulher jovem de 15 a 24 anos: Características diferenciais e desafios. In: **População jovem no Brasil / Departamento de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu SILVA (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2000, p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro – 11 – Ed. 1. Reimp.- Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. 2005. Disponível em <<http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf>> Acesso em 25/01/2017.

_____. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 16, Brasília, Jan- Abr/ 2015, p. 193-210. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>> Acesso em 25/01/2017.

HOROCHOVSKI, Rodrigo. MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. **Anais do II Seminário Nacional – Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Florianópolis - UFSC. p.485-505. Abr/2007.

KIRKPATRICK, David. OLIVEIRA, Maria Lúcia de. (Tradução). **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, Pierre. COSTA, Carlos Irineu da. (Tradutor). **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010 – 3ª Edição.

LISBOA, Teresa Kleba. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. **Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder**. Florianópolis, p. 1-6, Ago./2008.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed., Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. **Calendoscópio**, vol. 6, n. 2, p. 61-68, mai/ago 2008.

MARTINS, Leda. Performance do tempo espiralar. In: RAVETTI, G. e ARBEX, M. (orgs.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: FALE-Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, Jul/set 1993.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3º. 2003, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Afro-diaspora: identidade, negritude e corporeidade. **Fragmentos de Cultura**, v. 15, n. 1, p. 131-136, jan, 2005.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Educação ao longo da vida. In: **SALTO PARA O FUTURO. Educação ao Longo da Vida**. Ano XIX, n.11, Set./2009.

_____. Educação de Jovens, Adultos e Idosos: Aprendizagem ao longo da vida. . In: **SALTO PARA O FUTURO. Educação ao Longo da Vida**. Ano XIX, n.11, Set./2009.

OSOWSKI, Cecília Irene. Sujeito/Objeto. In: STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire, pg 382**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PITANO, Sandro. Sujeito Social. In: STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire, pg 384**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ROJO, Roxane. (org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo. 1. Ed. Parábola, 2013.

ROMANO, J. O. ANTUNES, M. (orgs.). Introdução ao debate sobre empoderamento e direitos no combate à pobreza. In: ROMANO, J. O. ANTUNES, M. (orgs.) **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil. P.5-8. 2002.

ROMANO, J. O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, J. O. ANTUNES, M. (orgs.) **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil. P.9-20. 2002.

SERRÃO, Tássia. BRAZ, Lucas M. Construção automática de Redes Sociais Online no ambiente Moodle. **Anais do XXII SBIE-XVII WIE**, Aracajú, p. 924-933, nov.2011.

SHOR, Ira. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Maria Valdeelange Virginio da. LEITE, Poliana Mireli Barbosa. GOMES, Jaciara Josefa. Identidade feminina no *Facebook*. Anais Eletrônicos – 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. P.1-17, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. 11. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro; as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; v. 4.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro.; GOMES, Nilma Lino (Coord). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. Novas Práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Acesso em 27/12/2016. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte, Editora UFMG. 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu SILVA (org). HALL, Stuart. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes: 2000, p. 103-133.



APÊNDICES

Apêndice A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) _____ está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REDE SOCIAL FACEBOOK”. Nesta pesquisa pretendemos a) Identificar a existência de situações de construção do conhecimento por educandas negras quando da presença da temática do cabelo afro-brasileiro; b) Identificar se a escolarização interfere na qualificação dos argumentos usados na participação dessas mulheres nos grupos/comunidades do Facebook em relação à temática do cabelo afro-brasileiro; c) Criar um Grupo de Discussão e/ou uma Página dentro da Rede Social Facebook para trabalhar com educandas negras da EJA a temática do cabelo afro-brasileiro, na perspectiva da Educação Para as Relações Étnico-Raciais, como previsto na Lei 10.639/2003. O motivo que nos leva a refletir sobre o uso das redes sociais, em nosso caso o Facebook, na valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra, em especial o cabelo crespo, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como cidadãs. E assim, desmitificar o mito das redes sociais nada ter a contribuir para a educação.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a pesquisa qualitativa para a compilação de informações sobre a correlação da rede social analisada no processo de construção do conhecimento das mulheres negras. A observação e análise do grupo focal e a entrevista individual semi-estrutura serão os métodos para a compilação de dados que facilite a compreensão das respostas obtidas no decorrer da pesquisa.

A pesquisa apresenta riscos mínimos à saúde e ao bem estar de seus participantes, porém a pesquisadora estará atenta e disposta a diminuir ao máximo esses riscos e desconfortos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem no possível desconforto que o entrevistado poderá sentir em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar. A pesquisa contribuirá para futuras reflexões acerca do tema podendo converter-se em ações que proporcione melhorias no ensino educacional.

Para participar deste estudo o Sr(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a

participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O(A) Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **gabinete da orientadora desta pesquisa, localizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REDE SOCIAL FACEBOOK”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

() Concordo e autorizo a realização da pesquisa, com gravação de áudio, nos termos propostos.

() Discordo e desautorizo a realização da pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2016.

Nome	Assinatura participante	Data

Nome	Assinatura pesquisadora	Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFMG

Campus Universitário da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Apêndice B: ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Em qual região você reside?
4. Atualmente, qual a sua escolaridade?
5. Com qual idade você deixou de frequentar o ensino regular?
6. Quais fatores que fizeram com que você deixasse os estudos?
7. O que te motivou a fazer parte de grupo/comunidade sobre cabelo afro-brasileiro?
8. Você se vê na representação da imagem da mulher negra exposto por esses grupos?
9. Quais os significados que esses grupos/ comunidades trazem para sua vida?
10. Você sofreu algum tipo de discriminação / preconceito racial na escola?
11. A escola em que você estuda trata destas questões em sala de aula?
12. O que você aprende em sala de aula sobre questões raciais interfere na elaboração da escrita e opinião expressa em seus comentários nos grupos/comunidades do FACEBOOK?
13. Em sua opinião, o uso do FACEBOOK como atividade extraclasse seria uma ferramenta facilitadora para a aquisição de conhecimento por parte dos alunos? Justifique.

Apêndice C: QUESTIONÁRIO ONLINE

Qual seu nome?

Qual sua idade?

(15 a 20 anos)

(21a 25 anos)

(26 a 30 anos)

(31 a 35 anos)

(36 a 40 anos)

(41 a 45 anos)

(46 a 50 anos)

(51 a 55 anos)

(56 anos ou mais)

Qual sua raça?

Branca/ Preta/ Parda/Indígena/Amarela

Tem perfil no Facebook?

Sim/ Não

Está estudando?

Sim/ Não

Está cursando a Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

Sim/ Não

Está cursando qual Fase/ Ano/ Série?

Participa de algum grupo ou comunidade no Facebook?

Sim/ Não

Participa de algum grupo ou comunidade no Facebook sobre cabelo?

Sim/ Não

Qual o nome do grupo / comunidade?

Mora em Belo Horizonte?

Sim/ Não

Apêndice D: TERMO DE COMPROMISSO

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da resolução 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada e fará parte integrante da documentação da mesma.

Kelly Cristina da Silva
kellyhistoriadora@gmail.com
Pesquisadora

Profª Drª Analise de Jesus da Silva
analiseorienta@gmail.com
(Coordenadora da pesquisa)
Orientadora

Apêndice E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso do responsável pelo menor)

A educanda _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REDE SOCIAL FACEBOOK”. Nesta pesquisa pretendemos a) Identificar a existência de situações de construção do conhecimento por educandas negras quando da presença da temática do cabelo afro-brasileiro; b) Identificar se a escolarização interfere na qualificação dos argumentos usados na participação dessas mulheres nos grupos/comunidades do Facebook em relação à temática do cabelo afro-brasileiro; c) Criar um Grupo de Discussão e/ou uma Página dentro da Rede Social Facebook para trabalhar com educandas negras da EJA a temática do cabelo afro-brasileiro, na perspectiva da Educação Para as Relações Etnico-Raciais. O motivo que nos leva a refletir sobre o uso das redes sociais, em nosso caso o Facebook, na valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra, em especial o cabelo crespo, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como cidadãs. E assim, desmitificar o mito das redes sociais nada ter a contribuir para a educação.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a pesquisa qualitativa para a compilação de informações sobre a correlação da rede social analisada no processo de construção do conhecimento das mulheres negras. A observação e análise do grupo focal e a entrevista individual semi-estrutura serão os métodos para a compilação de dados que facilite a compreensão das respostas obtidas no decorrer da pesquisa.

A pesquisa apresenta riscos mínimos à saúde e ao bem estar de seus participantes, porém a pesquisadora estará atenta e disposta a diminuir ao máximo esses riscos e desconfortos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem no possível desconforto que o entrevistado poderá sentir em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar. A pesquisa contribuirá para futuras reflexões acerca do tema podendo converter-se em ações que proporcione melhorias no ensino educacional.

Para participar deste estudo o menor não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) sr.(a), como responsável pela educanda com idade entre os 15 e os 18 anos, tem assegurado o direito a indenização. O Sr.(a), como responsável pela educanda com idade entre os 15 e os 18 anos, terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A

participação da educanda com idade entre os 15 e os 18 anos é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a), como responsável pela educanda com idade entre os 15 e os 18 anos, é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome da educanda com idade entre os 15 e os 18 anos ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O(A) Sr(a), como responsável pela educanda com idade entre os 15 e os 18 anos, não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **gabinete da orientadora desta pesquisa, localizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ responsável pela educanda com idade entre os 15 e os 18 anos _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REDE SOCIAL FACEBOOK”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar.

Declaro que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

() Concordo e autorizo a realização da pesquisa, com gravação de áudio, nos termos propostos.

() Discordo e desautorizo a realização da pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2016.

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFMG

Campus Universitário da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Apêndice F: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz).

ocê está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “MULHERES NEGRAS NA EJA: PROCESSOS DE REINTEGRAÇÃO SOCIOCULTURAL NA REDE SOCIAL FACEBOOK”. Nesta pesquisa pretendemos a) Identificar a existência de situações de construção do conhecimento por educandas negras quando da presença da temática do cabelo afro-brasileiro; b) Analisar como se efetiva essa construção de conhecimento pelas mulheres negras nos grupos/ comunidades de Facebook com a temática do cabelo afro-brasileiro; c) Identificar se a escolarização interfere na qualificação dos argumentos usados na participação dessas mulheres nos grupos/comunidades do Facebook em relação à temática do cabelo afro-brasileiro; d) Verificar situações de contribuição da rede social estudada para o cumprimento da Lei 10.639/2003; e) Criar um Grupo de Discussão e/ou uma Página dentro da Rede Social Facebook para trabalhar com educandas negras da EJA a temática do cabelo afro-brasileiro, na perspectiva da Educação Para as Relações Etnico-Raciais. O motivo que nos leva a refletir sobre o uso das redes sociais, em nosso caso o Facebook, na valorização das especificidades da corporeidade da mulher negra, em especial o cabelo crespo, seja ela estética ou por discurso de conscientização de seus direitos como cidadãos. E assim, desmitificar o mito das redes sociais nada ter a contribuir para a educação.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a pesquisa qualitativa para a compilação de informações sobre a correlação da rede social analisada no processo de construção do conhecimento das mulheres negras. A observação e análise do grupo focal e a entrevista individual semi-estrutura serão os métodos para a compilação de dados que facilite a compreensão das respostas obtidas no decorrer da pesquisa.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua

identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

A pesquisa apresenta riscos mínimos à saúde e ao bem estar de seus participantes, porém a pesquisadora estará atenta e disposta a diminuir ao máximo esses riscos e desconfortos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem no possível desconforto que o entrevistado poderá sentir em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar. A pesquisa contribuirá para futuras reflexões acerca do tema podendo converter-se em ações que proporcione melhorias no ensino educacional.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas *dúvidas*.

() Concordo e autorizo a realização da pesquisa, com gravação de áudio, nos termos Propostos.

() Discordo e desautorizo a realização da pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2016.

Nome	Assinatura do menor	Data
------	---------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFMG

Campus Universitário da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005